

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Marcel Bica de Souza

**AS PERCEPÇÕES DE EDUCADORES, EDUCANDOS E SEUS FAMILIARES
SOBRE A UTILIZAÇÃO DO FUTEBOL 3 TEMPOS EM UM PROJETO SOCIAL
ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre

2020

Marcel Bica de Souza

**AS PERCEPÇÕES DE EDUCADORES, EDUCANDOS E SEUS FAMILIARES
SOBRE A UTILIZAÇÃO DO FUTEBOL 3 TEMPOS EM UM PROJETO SOCIAL
ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho

Porto Alegre
2020

CIP - Catalogação na Publicação

de Souza, Marcel Bica

As percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social de Porto Alegre/RS. / Marcel Bica de Souza. -- 2020.

107 f.

Orientador: Alberto Reinaldo Reppold Filho.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Esporte. 2. Futebol 3 Tempos. 3. Projetos Sociais. 4. Inclusão Social. I. Reppold Filho, Alberto Reinaldo, orient. II. Título.

Marcel Bica de Souza

**AS PERCEPÇÕES DE EDUCADORES, EDUCANDOS E SEUS FAMILIARES
SOBRE A UTILIZAÇÃO DO FUTEBOL 3 TEMPOS EM UM PROJETO SOCIAL
ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE/RS**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira – UEM

Prof. Dr. Ricardo Demetrio de Souza Petersen – UFRGS

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, presente em todos os momentos, sempre concedendo força e coragem para seguir em frente e encarar todos os desafios ao longo desta jornada.

Agradeço aos meus pais, familiares e amigos pelo apoio e pela compreensão nos momentos de ausência durante o período do mestrado.

Ao meu orientador, professor Alberto Reinaldo Reppold Filho, muito obrigado pelos ensinamentos, pela parceria e pela oportunidade confiada a mim de poder retornar à vida acadêmica. Valeu, Betão!

Obrigado aos colegas do Centro de Estudos Olímpicos e Paralímpicos da ESEFID/UFRGS, pela troca de experiências e pela oportunidade de aprender com cada um de vocês.

Aos colegas e alunos da ACM-RS, instituição que tive a honra e o prazer de fazer parte durante 10 anos. Agradeço principalmente a toda equipe da ACM Morro Santana, lugar onde aprendi muito, em todos os sentidos! Muito obrigado também por abrirem as portas para que fosse possível o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas da GEPRO do SESI-RS pela acolhida e apoio desde o momento que ingressei na instituição.

Devo um agradecimento especial à minha esposa Andressa, pois durante os cinco anos que estamos juntos, pelo menos metade deste período estive do meu lado, me acompanhando nesta rotina intensa de trabalho e estudos. Muito obrigado pelo incentivo para ingressar no mestrado, por estar sempre me apoiando em busca do meu melhor e, principalmente, por me “aturar” durante esta jornada.

RESUMO

Nas três últimas décadas, observa-se, no Brasil, um aumento de projetos sociais destinados a crianças e jovens em vulnerabilidade. Neste cenário, o esporte ganhou força, sendo reconhecido como direito de todos os cidadãos. Nestes projetos, cada vez mais, o esporte é utilizado como ferramenta para inclusão social, tornando-se relevante entender como os atores envolvidos percebem estas iniciativas. Esta pesquisa objetiva compreender as percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social em Porto Alegre/RS. O estudo foi do tipo descritivo e empregou uma abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa três educadores, seis educandos, com idades de 13 a 17 anos, de ambos os sexos, e seus respectivos familiares. As percepções dos educadores e dos educandos foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, e as dos familiares por meio de questionário aberto. O material das entrevistas e dos questionários foi submetido à análise de conteúdo. Os resultados indicaram que, na percepção dos participantes, a participação no projeto de Futebol 3 Tempos auxilia em questões comportamentais que vão além da prática esportiva, como o respeito ao próximo, solidariedade e liderança. Em relação aos motivos para participar do projeto, o gosto pela prática do futebol ficou evidente. São citados também: empoderamento feminino, comunicação e diálogo em grupo, e diversas possibilidades de aprendizado e desenvolvimento pessoal. Quanto aos objetivos, destacam-se o *fair play*, a igualdade de gênero, a inclusão e a diversidade. Os desafios e dificuldades giram em torno da competitividade, fazendo com que muitas vezes a inclusão das meninas não seja acolhida pelo grupo. Neste sentido, os participantes percebem que não está sendo dado valor aos acordos estabelecidos em conjunto. Oportunidades de melhoria na metodologia são relatadas pelos educadores e educandos, como tornar o primeiro e o terceiro tempo do jogo mais dinâmicos, promover com maior frequência capacitações para mediadores, pensar em novas regras e possibilidades para que o desenvolvimento dos três tempos não seja tão “mecânico” e que de fato ocorra a participação de todos. Pode-se concluir que na percepção dos três segmentos estudados o Futebol 3 Tempos traz contribuições para os participantes, embora possa ser melhorado em alguns dos seus aspectos.

Palavras-chave: Esporte. Futebol 3 Tempos. Projetos Sociais. Inclusão Social.

ABSTRACT

In the last three decades, there has been a growing increase in social projects targeting vulnerable children and young people in Brazil. In this scenario, the sport gains strength, being recognized as a right of all citizens. In these projects, increasingly, sport is used as a tool for social inclusion, making it relevant to understand how the actors involved perceive the importance of these initiatives. This research aims to understand the perceptions of educators, students and their families about the use of Futebol 3 Tempos (Football with 3 Halves) in a social project in Porto Alegre/Brazil. The research was descriptive and used a qualitative approach. The study included three educators, six young people, aged 13 to 17 years, of both sexes, and their respective family members. The perceptions of the educators and students were obtained through semi-structured interviews, and those of the family members through an open questionnaire. The interviews and questionnaires were submitted to content analysis. The results indicated that, in the participants' perception, participation in the Football 3 Times project helps in behavioral issues that go beyond sports practice, such as respect for others and solidarity, as well as communication and leadership skills. Regarding the reasons for participating in the project, the appreciation for soccer practice is evident. Also mentioned are female empowerment, communication and group dialogue, and various possibilities for learning and personal development. As for the objectives, they highlight fair play, gender equality, inclusion and diversity. The challenges and difficulties revolve around competitiveness, so that the inclusion of girls is often not really welcomed by the group. In this sense, they realize that they are not giving value to the agreements established between them and to the reflections carried out together. Opportunities for improvement in methodology are reported by educators and students, such as making the first and third half of the game more dynamic, promoting more often training for mediators, thinking of new rules and possibilities so that the development of the three tiers is not so "mechanical" and that the participation of all actually occur. It can be concluded that in the perception of the three segments studied, Football 3 Times brings relevant contributions to the participants, although it can be improved in some of its aspects.

Keywords: Sport. Football 3 Times. Social projects. Social inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Divisão de tempos no Futebol 3 Tempos. _____	15
Quadro 2 – Características dos educandos. _____	48
Quadro 3 – Características dos educadores. _____	48
Quadro 4 – Características dos familiares. _____	48

LISTA DE ABREVIATURAS

ACM – Associação Cristã de Moços

ACM-RS – Associação Cristã de Moços do Rio Grande do Sul

ADS – Área de Desenvolvimento Social

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ITS – Instituto de Tecnologia Social

ME – Ministério do Esporte

ONG – Organização não governamental

PST – Programa Segundo Tempo

REFAP – Refinaria Alberto Pasqualini/Petrobrás

SECIS – Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social

SFW – Streetfootballworld

SNDEL – Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer

SNEAR – Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento

SNEED – Secretaria Nacional de Esporte Educacional

UEFA – Union of European Football Associations

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	11
1.2 CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO E DA UNIDADE ACM MORRO SANTANA	19
1.3 JUSTIFICATIVA	23
1.4 OBJETIVOS	26
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO	27
2.1 PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS	27
2.2 PROGRAMAS SOCIAIS, INCLUSÃO SOCIAL E VULNERABILIDADE SOCIAL	32
2.3 ESPORTE EDUCACIONAL	35
2.4 DIMENSÃO LÚDICA DOS PROJETOS SOCIAIS DE ESPORTE	40
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3.1 TIPO DE ESTUDO	47
3.2 SUJEITOS DO ESTUDO	47
3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	49
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	50
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO	51
4.1 MOTIVOS PARA A PRÁTICA DO FUTEBOL 3 TEMPOS	51
4.2 ENTENDIMENTO SOBRE OS OBJETIVOS DO FUTEBOL 3 TEMPOS	56
4.3 EFEITOS DA PRÁTICA DO FUTEBOL 3 TEMPOS	60
4.4 DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS NO FUTEBOL 3 TEMPOS	66
4.5 OPORTUNIDADES DE MELHORIA NA METODOLOGIA DO FUTEBOL 3 TEMPOS	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82
ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM EDUCADORES	90
ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM EDUCANDOS	92
ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA FAMILIARES	94
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA EDUCADORES	95
ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA EDUCANDOS E SEUS FAMILIARES	96

<u>ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FAMILIARES</u>	<u>97</u>
<u>ANEXO G – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA</u>	<u>98</u>
<u>ANEXO H – MODELOS DE PLANILHA DO MEDIADOR DO FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM</u>	<u>99</u>
<u>ANEXO I – FOTOS DO PROJETO DE FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM</u>	<u>101</u>
<u>ANEXO J – MANUAIS DOS MEDIADORES DO FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM</u>	<u>103</u>
<u>ANEXO K – MODELOS DE PLANOS DE AULA DO FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM</u>	<u>105</u>

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Desde o final dos anos de 1980, percebe-se, no Brasil, uma preocupação com as políticas sociais destinadas a crianças e jovens em vulnerabilidade (ZALUAR, 1994; FARAH, 2007). No mesmo período, observa-se um aumento de programas, projetos e ações sociais governamentais e não-governamentais para atender às demandas e necessidades deste público (alimentação, educação, moradia, emprego, entre outras) auxiliando no combate à exclusão social.

Neste cenário, o esporte conquistou espaço, sendo considerado um importante instrumento de inclusão social. A Constituição Federal, aprovada em 1988, reconheceu o esporte com um direito do cidadão e um dever do Estado (BRASIL, 1988). O termo “esporte educacional” passou a fazer parte da legislação federal e de documentos governamentais, sendo aplicado ao ensino formal e/ou fora dele (BRASIL, 1993; 1998).

A Constituição Federal garante, assim, a prática esportiva como um direito social, cabendo ao Estado investir no esporte educacional como forma de promoção social. O termo esporte educacional adquire um conteúdo próprio, diferenciando-se do esporte de alto rendimento e do esporte de lazer, no vocábulo técnico da política pública, compondo leis, estudos e documentos oficiais. Trata-se de um tipo específico de intervenção pedagógica, que contribui para os processos de transformação social, por meio dos valores arraigados no esporte (GONZÁLEZ *et al.*, 2014).

Tubino (2001), um dos responsáveis pela inclusão do esporte na Constituição Federal, enfatiza a utilização do esporte como ferramenta para transformação social, apresentando-se como instrumento colaborador para o desenvolvimento de crianças e jovens, sendo propagador de valores éticos e sociais, que contribuem para a formação humana (TUBINO, 2001).

Nos anos de 1990, ganham força os projetos sociais que utilizam o esporte como ferramenta para promover a cidadania e a inclusão social e não apenas como uma prática em si mesmo.

O hemisfério sociológico da atividade esportiva vai muito além de campos, quadras, pistas, piscinas, ringues, circuitos e alcança uma qualidade pedagógica ímpar para a cidadania como um todo e, especificamente para a infância e adolescência (MURAD, 2007, p. 15).

Promovidas por instituições públicas e organizações não-governamentais (ONGs), essas iniciativas vêm se multiplicando nas últimas três décadas no Brasil

(MELO, 2008; SILVEIRA, 2013), e ganhando relevância por seu potencial de formação, inclusão social e promoção da saúde (MELLO; FERREIRA NETO; VOTRE, 2009).

Dentro do cenário de projetos sociais destinados a crianças e jovens, o esporte conquistou espaço, sendo reconhecido como um direito de todos os cidadãos. Os projetos sociais e os programas de iniciação esportiva para crianças e jovens de bairros mais carentes começaram a ganhar força (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004). O esporte passa a ser visto como ferramenta para a inclusão social, propiciando o desenvolvimento integral de crianças e jovens, pois além de promover benefícios físicos, também contribui positivamente para a sociabilização (MEYER, 2011).

As atividades esportivas realizadas dentro de projetos sociais, embora não excluam a descoberta de talentos e futuros atletas, têm o propósito de estimular a discussão e a reflexão crítica, desenvolver a consciência dos direitos e deveres, promover valores de convivência social, enfim, contribuir para a cidadania, pois mais importante que aprender o esporte é aprender com o esporte.

De acordo com Seibel (1999), o esporte desenvolvido em trabalhos sócio-educacionais traz importantes benefícios, como: maior autoconfiança e, com isso, maior otimismo e resistência na hora de precisar lidar com situações negativas e/ou difíceis; maior integração social, mais amigos e a realização de um lazer saudável; maior capacidade de construir e manter um sistema de valores e de normas; e maior possibilidade de fazer a experiência de compreender a si mesmo, de produção e da própria capacidade, quando isso já não é mais possível através de outros processos educacionais. Ou seja, a experiência não somente do movimentar-se por movimentar-se, mas da produção de movimentos com significado, que auxiliem na compreensão de si mesmo e do outro, na possibilidade de dimensionar as suas próprias capacidades físicas, sociais e psicológicas.

Com o crescimento de projetos sociais e a utilização do esporte como ferramenta para o desenvolvimento de crianças e jovens, surgem, cada vez mais, tecnologias sociais voltadas a atender de maneira qualificada a estes projetos.

O termo “tecnologia social” vem sendo utilizado nos projetos sociais, embora ainda seja escassa a literatura científica relacionada ao tema. Pode-se considerar tecnologia social todo o produto, processo, método ou técnica desenvolvido para solucionar algum tipo de problema social. Este conceito remete a uma proposta inovadora de desenvolvimento, representando soluções para inclusão social e

melhoria das condições de vida das populações carentes (DAGNINO, 2014).

Segundo este conceito, as tecnologias sociais estão voltadas à promoção de educação, cidadania, inclusão, acessibilidade, sustentabilidade, participação e cultura. Elas devem contribuir na promoção de transformações sociais, sendo desenvolvidas em conjunto com a população, aonde as pessoas que precisam das soluções são parte delas, assumindo o processo da mudança.

No Brasil, o termo tecnologia social ganhou força no final dos anos de 1990, com Renato Dagnino, do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Dagnino (2014) utilizou o termo “tecnologia para inclusão social” em seus textos, sendo referência para outros pesquisadores que abreviaram a expressão, criando o termo tecnologia social.

Na atualidade, encontramos diversas definições de tecnologia social. A Fundação Banco do Brasil, que apoia diversos projetos sociais desde 1985, entende tecnologia social como “todo produto, método, processo ou técnica criado para solucionar algum tipo de problema social e que seja simples, de baixo custo, fácil aplicabilidade e impacto comprovado” (INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL, 2007).

A Fundação Projeto Pescar caracteriza tecnologia social como “o produto de uma ação social que demonstra sucesso pelos resultados e que padroniza os seus processos e controles a ponto de poder ser reaplicada em diferentes comunidades”.

Já o Instituto Ayrton Senna define tecnologia social como:

[...] um conjunto de princípios, conceitos, métodos e práticas pedagógicas e gerenciais com resultados avaliados e prontos para serem aplicados em larga escala em diferentes contextos, considerando toda a diversidade brasileira (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2004)

O Instituto de Tecnologia Social (ITS), cuja missão é: “promover a geração, o desenvolvimento e o aproveitamento de tecnologias voltadas para o interesse social e reunir as condições de mobilização do conhecimento, a fim de que se atendam as demandas da população” (ITS, 2007), define tecnologia social como “um conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL, 2007, p. 25).

No Brasil, órgãos governamentais e setores da sociedade civil, especialmente do terceiro setor, se organizaram para conferir à tecnologia um importante vetor de inclusão social, inclusive, no ano de 2003, foi criada a Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social – SECIS, no âmbito do Ministério de Ciência e Tecnologia. A tecnologia social está, assim, inserida na realidade dos projetos e instituições públicas e do terceiro setor.

Dentre estas tecnologias sociais, ganha destaque nesta pesquisa o Futebol 3 Tempos, praticado em diversas organizações ONGs no Brasil e no exterior. Desde suas origens nos anos de 1990, em Medellín, na Colômbia, o Futebol 3 Tempos (também conhecido como *Futebol3* e *Football3*) tem-se desenvolvido ao redor do mundo, podendo ser definido como uma tecnologia social que aborda uma variedade de tópicos, como igualdade de gênero, saúde e cultura de paz, na busca de transformações sociais que contam com a participação das comunidades em que acontecem.

O objetivo deste esporte educativo é propiciar um espaço para aprendizagens, principalmente no nível das competências relacionais, como: reconhecimento do outro, respeito às diferenças, convívio em grupo e resolução de conflitos. Neste sentido, o Futebol 3 Tempos procura empoderar crianças e jovens para que tenham responsabilidade por suas ações e tratem outras pessoas de maneira justa. Eles são estimulados a valorizar a comunicação e o respeito mútuo, dentro e fora do campo.

O Futebol 3 Tempos emprega o futebol, esporte com grande apelo popular junto às comunidades mais carentes, como uma ferramenta para contribuir com o desenvolvimento social de crianças e jovens, baseado no princípio de que valores como *fair play*, igualdade de gênero, trabalho em equipe e respeito às pessoas são tão ou mais importantes que as habilidades físicas da modalidade (STREETFOOTBALLWORLD, 2016).

O Futebol 3 Tempos fundamenta-se na ideia da atividade se desenvolver em “três tempos” – discussão pré-jogo, jogo de futebol e discussão pós-jogo – que devem incorporar lições-chave para vida. Jogando em times mistos, os/as participantes decidem coletivamente as regras antes da partida. Após a partida, eles refletem sobre o seu comportamento em campo e sobre o comportamento dos adversários, ganhando pontos pelos gols marcados e pontos pelo *fair play*. Como o Futebol 3 Tempos é jogado sem árbitro, os participantes aprendem a resolver os conflitos por meio do diálogo e do compromisso (MANUAL DO FUTEBOL3, 2016).

Quadro 1 – Divisão de tempos no Futebol 3 Tempos.

O primeiro tempo: discussão pré-jogo	O segundo tempo: partida de futebol	O terceiro tempo: discussão pós-jogo
<p>Antes da partida, os/as participantes das duas equipes se reúnem para acordar as regras que serão seguidas no jogo. Regras especiais são estabelecidas para tratar de questões sociais relevantes como, por exemplo, regras para aumentar a participação feminina no esporte. A discussão é facilitada pelo mediador já treinado para atuar no Futebol 3 Tempos, como um jovem líder, um treinador ou um professor. O mediador utiliza um formulário de jogo para registrar as regras acordadas entre as duas equipes.</p>	<p>As partidas duram, geralmente, de 10 a 20 minutos, e são jogadas em quadras com dimensões reduzidas e improvisadas na rua, em um parque ou em um campo de futebol. As equipes são mistas, em termos de gênero, e as partidas não possuem árbitros. Os próprios jogadores são responsáveis pelo jogo e por respeitar as regras que acordaram. Também acordam entre si as faltas, as cobranças de faltas e os gols marcados. O mediador monitora o jogo e intervém somente se as duas equipes não conseguirem chegar numa decisão.</p>	<p>Após a partida, os participantes das duas equipes são reunidos pelo mediador para refletirem sobre o jogo e sobre como eles respeitaram as regras acordadas. As equipes podem premiar o adversário com pontos de <i>fair play</i>, baseando-se em sua conduta durante o jogo. Para determinar o resultado final, o mediador adiciona os pontos de <i>fair play</i> aos pontos dos gols marcados na partida. O diferencial do Futebol 3 Tempos em relação ao futebol convencional é que as ações de cada jogador, ao longo dos três tempos, definem o vencedor da partida. Assim, o respeito às regras e aos demais participantes valem tanto ou mais que os próprios gols.</p>

Fonte: Manual de Futebol3 (2016).

O Futebol 3 Tempos, inspirado no futebol de rua, consiste na utilização do esporte como ferramenta pedagógica e visa contribuir para o desenvolvimento social das crianças e jovens participantes e suas comunidades. Suas principais características são: jogo em três tempos; ausência de árbitro (os jogadores constroem as regras e são responsáveis por cumpri-las); as equipes são mistas (meninos e meninas jogam juntos); os espaços dos jogos podem ser adaptados e variados, assim como podem variar os temas sociais de relevância abordados, respeitando as características e necessidades locais.

Por essas características, o Futebol 3 Tempos se propõe a ser uma atividade acessível a todos/as, com uma metodologia que favoreça a participação autônoma nas decisões, empoderando os/as jovens participantes para que atuem na resolução de conflitos e criando diferentes estratégias nas regras acordadas.

Estes projetos sociais esportivos que utilizam o Futebol 3 Tempos como uma tecnologia social estão vinculados à rede chamada *Streetfootballworld* (SFW), instituição internacional cuja visão de futuro é de um mundo em que os direitos humanos de todas as pessoas sejam respeitados. Um de seus principais objetivos é fortalecer e facilitar uma rede composta por mais de 130 organizações sociais em cerca de 80 países espalhados por todos os continentes. Fundada em Berlim (Alemanha), em 2002, a rede conta com parceiros globais como FIFA, governo alemão, UEFA, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Sony, Coca-Cola e Adidas (STREETFOOTBALLWORLD, 2018).

Já há alguns anos, observam-se em diferentes aparições, notícias de periódicos, fóruns, encontros ou fases preparatórias de mundiais de futebol, como Alemanha 2006, África do Sul 2010 ou o que será Brasil 2014, festivais de futebol social. Trata-se de um futebol praticado por jovens de ambos os sexos, e também por adultos, em situações de vulnerabilidade social. Além disso, são iniciativas levadas adiante por organizações não-governamentais (ONGs). Reunidas em diferentes redes ou isoladas em sua geografia, estamos falando de outro tipo de futebol: uma prática a serviço de diferentes problemáticas e usos sociais. Consiste, então, em uma tendência internacional que cresce e continuará crescendo, de acordo com vários sinais que puderam ser identificados. Isso não apenas tem relação com o próprio desenvolvimento de ONGs, mas também atrai, por diferentes razões, patrocínios, tanto públicos como privados (fundações corporativas, clubes de futebol em alguns casos e empresas de diversos ramos, não apenas esportivos). (TREJO, 2014).

Neste sentido, a discussão sobre o papel das ONGs que utilizam o poder do futebol para promover inclusão social e desenvolvimento dos participantes de seus

projetos esportivos, merece ser aprofundada no sentido de compreensão dos impactos sociais na vida das crianças e jovens e nas suas comunidades.

Quando a prática esportiva – o futebol, no caso – se associa com uma intencionalidade educativa e com uma organização de base comunitária, pode-se afirmar que se torna uma ferramenta com potencial de transformação social, que vai além da prática esportiva. O esporte deixa assim de ser um fim em si mesmo e se transforma em um elemento catalisador para a construção de capital social, para a mobilização social e para a educação. Não se trata de atrair os jovens e segurá-los dentro de um programa social, mas de abrir as portas da consciência para a transformação em suas comunidades. (STREETFOOTBALLWORLD, 2016).

A rede global SFW foi criada impulsionada pela crença de que o futebol pode ser uma ferramenta eficaz para transformar nossas sociedades. Com o objetivo de identificar, conectar e capacitar organizações comunitárias que demonstram ter um impacto social sustentável em suas comunidades, Jürgen Griesbeck e Vladimir Borkovic fundaram, em 2002, esta ONG internacional. A ideia, contudo, tem origem anterior, em um acontecimento trágico que marcaria a história do futebol mundial (STREETFOOTBALLWORLD, 2016).

O marco inicial e ideológico ocorreu na Colômbia, logo após a Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos da América, quando a seleção colombiana, umas das favoritas naquele ano, foi eliminada ainda na primeira fase, ao perder para a seleção do país sede, com a marcação de um gol contra do jogador Andrés Escobar. Após a eliminação, quando do regresso da seleção colombiana ao seu país, Escobar foi assassinado durante uma discussão com torcedores, em decorrência deste fato.

A morte do jogador levou militantes sociais, professores e estudantes universitários da Colômbia e de outros países, que estavam ali residindo e trabalhando, a buscarem maneiras de praticar o futebol de modo mais educativo e não meramente competitivo.

Entre aqueles que acreditavam no poder do futebol e em sua capacidade de mobilizar multidões, estava o sociólogo alemão Jürgen Griesbeck, que, a partir deste triste episódio, desenvolveu o Projeto Futebol para a Paz, proporcionando as primeiras experiências com o futebol utilizando a metodologia dos três tempos, introduzindo ferramentas para que as crianças e jovens colombianos ampliassem sua capacidade para o diálogo, o respeito e a construção coletiva para resolver os conflitos, combatendo a violência, muito presente no país.

Jürgen Griesbeck relata, nos materiais de apoio e nos sites sobre a utilização do Futebol 3 Tempos e a rede SFW, a experiência ocorrida na Colômbia:

Andrés Escobar foi o capitão do time nacional colombiano e um verdadeiro profissional, dentro e fora do campo. Era conhecido como o “Cavalheiro do Futebol”. Porém, na Copa dos Estados Unidos de 1994, ele cometeu um erro: marcou um gol contra que eliminou sua equipe. Onze dias depois, ele foi morto a tiros.

Eram 5 horas da manhã do dia 2 de julho, uma dessas lindas manhãs em Medellín. Eu estava me preparando para mais um dia na universidade, onde dava aula de sociologia do esporte e trabalhava no meu PhD em saúde pública, quando de repente a notícia da morte de Andrés me paralisou. Fiquei completamente sem palavras. Aquele dia mudou a minha vida para sempre. Comecei a me perguntar como o futebol, um jogo baseado no trabalho em equipe, na comunicação e no respeito, poderia levar a um ato tão violento. Decidi então não continuar a minha carreira acadêmica, mas ao invés, estudar o fenômeno da violência urbana na Colômbia. Em 1994, mais de 5.000 jovens foram mortos nas ruas de Medellín.

Depois de conversar com muitas pessoas e de ler inúmeros livros, a jornada me levou de volta ao futebol. Cheguei à conclusão de que o jogo poderia ser um espaço para o diálogo e um elemento chave para a solução dos problemas da violência. Em 1996, eu e meus colegas desenvolvemos o projeto Fútbol por La Paz ou Futebol para a Paz. Adaptamos um jogo tradicional de futebol para facilitar o diálogo entre jovens que estavam participando ou sendo afetados pelo conflito armado. O jogo aconteceu sem árbitro e teve ênfase nos valores da igualdade de gênero, do fair play e da resolução pacífica dos conflitos. Funcionou brilhantemente, e desde então tem sido desenvolvido pelos membros da rede *streetfootballworld* em todo o mundo, em uma metodologia que aborda temas sociais em uma variedade de contextos locais, unidos pelo termo “futebol3”.

Referindo-se ao seu próprio gol contra, Andrés declarou: “a vida não termina aqui”. (GRIESBECK, 2016).

Ao trabalhar com projetos sociais em Medellín, Jürgen Griesbeck e seus colegas perceberam que o campo de futebol era um espaço onde jovens colombianos armados pareciam dispostos a dialogar, com o futebol sendo um catalisador de comunicação e cooperação. As armas tinham que ser deixadas na porta da frente, as equipes tinham que incluir homens e mulheres, além dos acordos e regras serem resolvidas pelos próprios jogadores, não pelos árbitros. Jürgen logo percebeu que não estava sozinho. Em outros países, as organizações estavam usando o futebol como uma ferramenta para lidar com várias questões locais, desde a prevenção da AIDS até a integração social e a igualdade de gênero.

Em estudo realizado durante o *Football for Hope Festival 2010*, evento organizado pela rede SFW e pela FIFA que reúne projetos sociais do mundo todo que

utilizam a metodologia 3 tempos, Gannett *et al.* (2010) destacaram a participação dos jovens durante o evento esportivo, assim como a importância de ampliar os ensinamentos do jogo para a vida:

Em todo o mundo, a participação dos jovens no esporte é cada vez mais usada para gerar resultados sociais positivos para os jovens e suas comunidades. No nível individual, os programas baseados em esportes têm sido associados ao desenvolvimento pessoal de habilidades e valores importantes, incluindo trabalho em equipe e habilidades sociais, respeito e justiça, responsabilidade pessoal, autoestima, um senso de comunidade e aceitação da diferença racial ou cultural. Esses resultados são considerados habilidades para a vida quando aplicados de forma mais ampla. (GANNETT *et al.*, 2010).

Atualmente, no Brasil, são sete organizações sociais que fazem parte da rede SFW: Instituto Fazer Acontecer (Salvador), Fundação EPROCAD (Santana de Parnaíba), Instituto Bola para Frente (Rio de Janeiro), Instituto Formação (São Luís do Maranhão), Love.Futebol (várias regiões do Brasil), URECE (Rio de Janeiro), além da Associação Crista de Moços do Rio Grande do Sul (ACM-RS).

A ACM-RS utiliza o Futebol 3 Tempos desde 2008, de forma pioneira no Estado, desenvolvendo atividades nas unidades situadas na Vila Cruzeiro, Morro Santana e Vila Restinga, além de disseminar esta tecnologia social para a prática do futebol em projetos sociais da capital e do Estado, com o objetivo de fazer do futebol um espaço para o aprendizado, no nível das competências relacionais, como comunicação, reconhecimento do outro, respeito às diferenças, convívio em grupo e resolução de conflitos, além de promover um ambiente de troca e integração, enfatizando e resgatando valores como solidariedade e cooperação (ACM-RS, 2019).

1.2 CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO E DA UNIDADE ACM MORRO SANTANA

O presente estudo foi desenvolvido na ACM Morro Santana, uma das três unidades da Área de Desenvolvimento Social (ADS) da ACM-RS. O projeto social atende crianças e jovens e suas famílias oriundas das comunidades da Vila Tijuca, Vila Laranjeiras, Pedreira, Vila Estrutural e Residencial Nova Chocolate, que vivem expostas às diversas vulnerabilidades sociais. A unidade está localizada na cidade de Porto Alegre/RS, no bairro Morro Santana.

Desde 1989, a ACM Morro Santana atua no atendimento a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, com o objetivo de tornarem-se agentes na transformação da própria comunidade. O público é atendido no turno inverso ao da escola, com diversas atividades acompanhadas por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de educação física, pedagogia, artes, informática, nutrição e serviço social. O atendimento ocorre de segunda a sexta-feira, contemplando crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, nos turnos da manhã e da tarde.

As oficinas de Futebol 3 Tempos acontecem duas vezes por semana, com duração de 1 hora cada aula. Todas as turmas têm oportunidade de participar da atividade, divididas de acordo com a faixa etária: 6 a 8 anos (turma A), 9 a 11 anos (turma B), 12 a 14 anos (turma C) e 15 a 17 anos (Trabalho Educativo). Atualmente, são mais de 180 famílias atendidas e uma média de 108.000 atendimentos por ano. O projeto procura garantir que todos, sem distinção, tenham as oportunidades necessárias para desenvolver seus potenciais e, com isso, mudar suas perspectivas.

O bairro Morro Santana pertence à Região de Orçamento Participativo 3/Leste, possui 18.852 habitantes, representando 1,34% da população do município. Com área de 2,49 km², representa 0,52% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 7.571,08 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 2,23% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,41 salários mínimos. Já a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), que teve como ano base 2010, levantamento mais recente do IBGE, divulgada em setembro deste ano, aponta que 37,4% das famílias têm como pessoa de referência uma mulher (IBGE, 2010).

Anualmente, a área do Serviço Social da ACM Morro Santana realiza uma pesquisa sobre o perfil socioeconômico do público atendido, que possibilita compreender a realidade das famílias e da comunidade do entorno. Abaixo, segue informações referentes à pesquisa realizada no ano de 2019.

Em relação à composição familiar, 39,6% das famílias atendidas são na sua maioria famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos, 28,1% são compostas por mães e filhos, e 5,2% das famílias uniparentais são compostas por pai e filhos. Sobre o número de membros que compõe as famílias, identifica-se que 3,1% das famílias têm até 2 membros, 56,3% famílias compõem-se de 3 a 4 pessoas, seguido de 38,5% famílias de 5 a 7 pessoas, e 2,1% das famílias acima de 8 membros.

Quanto à renda familiar, neste ano a pesquisa avaliou a receita total, que é a soma da renda mensal conforme origem do recurso (formal e informal), mais a renda

dos benefícios eventuais. Famílias com renda de até um salário somam 33,3%, já 47,9% das famílias recebem até dois salários mínimos, 11,5% das famílias até três salários mínimos, 2,1% das famílias até quatro salários e também 2,1% das famílias recebem acima de quatro salários mínimos. Ainda consta na pesquisa que 3,1% das famílias não têm nenhuma fonte de renda.

No que diz respeito à situação da habitação, identifica-se que 70,8% das famílias possuem casa própria, 4,2% pagam aluguel, 9,4% têm sua moradia cedida e 15,6% estão em situação de aquisição do imóvel. A maioria das famílias advindas da Vila Chocolateiro, em 2011, possui casa própria, localizada em um residencial construído pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Embora o número de casas próprias seja de 70,8% das famílias, 75% encontram-se em área verde ou de risco, 19,8% em situação regular e 5,2% em processo de regularização. Ainda referente à situação habitacional, observa-se que 59,4% das casas são de alvenaria, 35,4% de madeira e 5,2% são mistas. Em relação ao número de cômodos identifica-se que 80,2% das residências possuem de 4 a 6 peças, 2,1% possuem mais de 6 peças e 17,7% possuem de 1 a 3 peças.

No que se refere às relações das famílias com a própria comunidade, os participantes da pesquisa da ACM Morro do Santana destacam como pontos positivos da comunidade local: os vizinhos e amigos (20,8%) e fácil acesso aos serviços (11,5%), como por exemplo, posto de saúde, creche, mercado, CRAS, escola, etc. A existência do projeto da ACM Morro Santana aparece como ponto positivo para 94,8% da comunidade. As famílias relatam que a instituição é parceira em propiciar experiências favorecedoras do desenvolvimento de sociabilidades e atua na prevenção de situações de risco social ao garantir a proteção no turno inverso à escola (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS RS, 2019).

Destacam-se como pontos negativos, o uso abusivo de drogas e o tráfico (74%), a violência (59,4%), a falta de segurança 22,9%, o saneamento básico e o lixo nas ruas (38,5%), e a pobreza e o desemprego (14,6%). Já para 19,8%, não existem pontos negativos. Cabe destacar que as famílias que relataram não haver problemas residem em locais com menor índice de violência e tráfico de drogas.

1.3 JUSTIFICATIVA

O interesse por desenvolver a pesquisa sobre o Futebol 3 Tempos está ligado à minha trajetória profissional na ACM-RS e às experiências vivenciadas ao longo dos 10 anos atuando na área de projetos sociais esportivos.

A ACM-RS, por meio dos seus projetos sociais, é uma entidade de assistência social que realiza atendimento continuado, permanente e planejado, com prestação de serviços dirigidos às famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidades ou risco social, sem acesso ao básico, como saúde, educação, saneamento básico, emprego, entre outros. (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS RS, 2011).

As atividades desenvolvidas nas unidades sociais ACM Cruzeiro, ACM Morro Santana e ACM Vila Restinga Olímpica contemplam as áreas de educação física, pedagogia, artes, inclusão digital e o acompanhamento do Serviço Social. Atualmente, a ADS da ACM-RS atende cerca de 600 educandos,¹ de ambos os sexos, com idade entre 6 e 17 anos, no turno inverso ao da escola, nos turnos da manhã e da tarde, com o objetivo de promover por meio do esporte, da educação, da cultura, das artes e da inclusão digital, o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Na área esportiva, são oportunizadas diferentes vivências cujo propósito é o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos educandos, com base nos quatro pilares da educação da UNESCO: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer (DELORS, 2012).

Nos projetos sociais da ACM-RS o esporte não é apenas uma atividade, mas uma estratégia de desenvolvimento social. Dentro desta perspectiva, o esporte, tratado de maneira pedagógica, é considerado como uma representação simbólica da vida, capaz de interferir positivamente no desenvolvimento individual e coletivo, gerando transformações na forma de agir e de pensar que contribuam para o estabelecimento de relacionamentos sociais plenos. Assim, é uma ferramenta para a educação, podendo agir positivamente nas comunidades com interferência no desenvolvimento da sociedade como um todo (ACM-RS, 2015).

No seu contexto histórico, a ACM, como criadora do vôlei, do basquete e do futsal, acredita no potencial do esporte como ferramenta ímpar para o desenvolvimento individual e coletivo das pessoas. Pretende, com isso, oportunizar

¹ Os termos *educadores/as* e *educandos/as* são utilizados no projeto social esportivo da ACM-RS, foco desta pesquisa. Com o intuito de ser fiel a linguagem do projeto, eles foram também utilizados na redação desta dissertação.

para crianças, jovens e suas famílias a vivência esportiva, assegurando a manutenção escolar e seus vínculos familiares, como forma de desenvolvimento nos aspectos físicos, afetivos e comunitários.

Com o objetivo de “promover através da prática esportiva o desenvolvimento integral do indivíduo, contribuindo para inserção social de crianças e adolescentes, estimulando as potencialidades e competências que vão além do aprendizado técnico”, são trabalhadas diferentes modalidades, divididas em esportes coletivos (futsal, voleibol, basquete e handebol), esportes individuais (atletismo, tênis, tênis de mesa e xadrez), artes marciais (hapkido e aikido), dança e expressão corporal e esportes não-tradicionais (hóquei, baseball, slackline, entre outros).

Além das modalidades citadas acima, o Futebol 3 Tempos vem sendo desenvolvido nas unidades sociais da ACM-RS, desde 2008, por meio da parceria com a SFW. Este é também o ano em que inicio minha trajetória na instituição como estagiário de Educação Física, em um projeto social da ACM-RS localizado no município de Esteio, em parceria com a Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP) – Petrobrás. Em 2009, ano que finalizo minha graduação, passo a atuar como educador social na unidade da ACM Vila Restinga Olímpica, até o final de 2010, quando surge a oportunidade para desempenhar a função de coordenador de esportes na ACM Morro Santana.

Ao longo deste período, trabalhei com o Futebol 3 Tempos e desenvolvi projetos e eventos relacionados com a modalidade. Atuei como educador, diretamente com as crianças e jovens, e como supervisor e coordenador, desenvolvendo a equipe de educadores, participando de eventos nacionais e internacionais e disseminando a metodologia do Futebol 3 Tempos para diversas instituições.

Durante estes dez anos atuando com o Futebol 3 Tempos nos projetos sociais esportivos da ACM-RS, pude acompanhar o desenvolvimento de crianças e jovens e as oportunidades que muitos tiveram com a prática do esporte. Acompanhei também as dificuldades e desafios diários, como baixa adesão no início, tanto dos educandos quanto educadores, conflitos entre educandos, pouco entendimento e interesse em uma metodologia educativa que trabalha valores como respeito, cooperação e solidariedade dentro de uma modalidade extremamente popular e competitiva como o futebol. Utilizar o futebol como uma ferramenta para promover o desenvolvimento de crianças e jovens é um processo que exige tempo e maturidade dos atores envolvidos, sejam educadores ou educandos.

Em 2008, a parceria com a rede mundial SFW foi um marco para o desenvolvimento do Futebol 3 Tempos nos projetos sociais da ACM-RS. Além de implementarmos a metodologia em todas as unidades, a parceria possibilitou a qualificação de profissionais e de jovens líderes para atuarem como mediadores, ampliou a rede de instituições parceiras no Brasil e no mundo, além de tornar a ACM referência no Estado para disseminar a metodologia à outras instituições. Através do Futebol 3 Tempos, inúmeros jovens tiveram a oportunidade de participar de eventos pelo Brasil e fora do país, possibilitando aos participantes um intercâmbio cultural.

Nesta jornada na ADS da ACM-RS, que se encerrou em junho de 2018, acompanhei os educandos que iniciaram a prática o Futebol 3 Tempos ainda jovens, com 8 e 9 anos de idade, alguns dos quais se tornaram jovens líderes e mediadores e, até mesmo, passaram a trabalhar na instituição, seguindo uma carreira profissional.

A minha saída da instituição, com o objetivo de seguir outros desafios profissionais, foi fundamental para que também pudesse ter um olhar mais distanciado e com percepções de “fora da caixa”. No caso desta pesquisa, foi importante inclusive no momento de realizar as entrevistas, pois, apesar de ser uma metodologia padronizada, o desafio de trabalhar temas como inclusão, igualdade de gênero e protagonismo juvenil exige várias habilidades dos educadores, além de comprometimento dos educandos, para que sejam alcançados os objetivos previstos e o interesse não fique restrito à prática do futebol.

Acredito que desenvolver um estudo sobre o Futebol 3 Tempos se torna relevante pelo fato de se tratar de uma tecnologia social construída com uma intencionalidade, em que a prática do futebol é utilizada como um meio para trabalhar valores e promover o desenvolvimento social de crianças e jovens. Embora existam diversos estudos sobre projetos sociais esportivos, é difícil encontrar pesquisas relacionadas ao Futebol 3 Tempos. Além disso, é interessante compreender como os educadores e educandos e seus familiares percebem suas experiências com esta modalidade esportiva adaptada do futebol tradicional.

Portanto, a partir do contexto descrito acima, relacionando minhas experiências com o Futebol 3 Tempos, a escassa literatura científica sobre o assunto e a possibilidade de maior entendimento sobre o tema, a partir das percepções dos participantes, julgo necessária a realização da presente pesquisa.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender as percepções dos educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto Alegre/RS.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar os motivos que levam os educandos a praticar o Futebol 3 Tempos;
- b) Caracterizar o entendimento dos educadores e dos educandos e seus familiares sobre os objetivos do Futebol 3 Tempos;
- c) Identificar os efeitos da prática do Futebol 3 Tempos, na percepção dos educadores e dos educandos e seus familiares;
- d) Identificar os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos educandos e educadores na prática do Futebol 3 Tempos;
- e) Apontar as oportunidades de melhoria na metodologia do Futebol 3 Tempos, na percepção dos educandos e dos educadores.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira, é apresentado o referencial teórico dividido em quatro seções: Projetos Sociais Esportivos; Programas Sociais, Inclusão Social e Vulnerabilidade Social; Esporte Educacional; e Dimensão Lúdica dos Projetos Sociais de Esporte. A segunda parte é dedicada aos procedimentos metodológicos. Na terceira, são apresentados e discutidos os resultados. Esta parte, está subdividida em cinco seções, cada uma delas dedicada a uma das categorias de análise. Na parte final, são realizadas considerações sobre o estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS

No Brasil, as desigualdades sociais são fruto de um longo processo histórico, cujas raízes podem ser traçadas ao período colonial, com a exploração da mão de obra escrava. Conforme, Melo e Dias (2009)

[...] as desigualdades sociais não são obras do acaso, mas construções sociais, resultado de um conjunto de ações que englobam as estruturas econômicas, políticas, entre outras. Do ponto de vista econômico percebemos a exploração demasiada do trabalho e a concentração de renda. Do ponto de vista político, percebemos um afastamento vertiginoso da população quando se refere aos assuntos em torno de política. (p. 21).

Campello *et al.* (2018) argumentam na mesma direção, ao afirmarem que as desigualdades sociais extrapolam simples concepção sob a perspectiva da renda, atingindo campos significativos da vivência humana, que abrangem o acesso a direitos básicos, como à infraestrutura, à saúde, à educação, dentre outros. Para Melo e Dias (2009), na contemporaneidade, essa desigualdade social se torna mais visível em razão da internet, já que, por meio dela, o acesso à informação foi facilitado, disseminando, assim, mais facilmente, o conhecimento sobre a realidade do povo:

Apesar de ser notória na história da sociologia a presença das desigualdades entre os povos e entre os membros de um mesmo grupo social, as mesmas não tinham tanta visibilidade como no mundo atual (MELO; DIAS, 2009, p. 21).

Stiglitz, Sen e Fitoussi (2012) apontam que, na contemporaneidade, a desigualdade social se irradia por todos os lados, assumindo diversos formatos e, em determinadas condições, favorece a incursão de jovens na criminalidade.

A esse respeito, são importantes também as considerações de Melo e Dias (2009). Para estes autores, as contradições vivenciadas na sociedade contemporânea favorecem a criação de um ambiente que põe em risco o bom desenvolvimento do ser humano:

A sociedade contemporânea passa por um momento contraditório. Ao mesmo tempo em que observamos o avanço da tecnologia, da ciência, do aumento da expectativa e da melhoria da qualidade de vida, entre outros indicadores positivos, advindos por exemplo da economia, saúde, habitação, trabalho, educação, entre outros, observa-se também, o contraste social vivido por uma significativa parcela da população, em constante contato com indicadores sociais que colocam em risco o bom desenvolvimento do ser humano. (MELO; DIAS, 2009, p. 20).

Diante disso, entendem que a ausência de uma estrutura financeira sólida não permite às crianças e jovens crescerem sob os olhares atentos de seus pais, o que também geraria desigualdade social (MELO; DIAS 2009).

O fato é que, segundo Campello *et al.* (2018), pode-se afirmar que sempre houve desigualdade social, em todos os níveis e lugares. Contudo, de acordo com Gaya (2008), quando ela se soma à educação escolar, desigualdade e pobreza tornam-se um ciclo vicioso, havendo, assim, necessidade do estabelecimento de políticas públicas para promover o combate à continuidade de tal ciclo, conferindo oportunidades a estes indivíduos para uma vivência digna. Expõe ainda o autor que “[...] a desigualdade torna o Brasil um país de contrastes, como potência econômica é uma das nações economicamente mais ricas do mundo, mas também é um país desigual e excludente, desigual na distribuição de renda e de recursos” (GAYA, 2008, p. 10).

Com o objetivo de se mitigar as desigualdades sociais, os governos têm estabelecido programas de inclusão, voltadas, essencialmente, à prevenção da criminalidade (CAMPELLO *et al.*, 2018), como é o caso do Programa Segundo Tempo (PST), instituído pelo Governo Federal, em 2003. O PST, de acordo com Melo e Dias (2009), foi criado para, considerando as perspectivas de inclusão, abrir “[...] novas oportunidades para a formação e o exercício pleno da cidadania, portanto, para a valorização da vida” (MELO; DIAS, 2009, p. 24). Sobre o PST, assim se lê no *site* do extinto Ministério do Esporte (BRASIL, 2019):

O Programa Segundo Tempo é uma iniciativa do Ministério do Esporte destinado a democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte educacional, promovendo o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes como fator de formação da cidadania e de melhoria da qualidade de vida, prioritariamente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social e que estejam regularmente matriculados na rede pública de ensino. (BRASIL, 2019, p. 6).

Trata-se, pois, de um programa governamental, cujo público-alvo é composto por crianças a partir dos 6 anos de idade, prioritariamente os matriculados em escolas públicas e em exposição a riscos sociais (BRASIL, 2019), sendo seus princípios os seguintes:

- a) Reverter o quadro atual de vulnerabilidade, exclusão e injustiça social estabelecido;
- b) Tratar o lazer e o esporte como direitos de todos e dever do Estado;
- c) Promover a universalização e a inclusão social do esporte educacional;

d) Promover a democratização da participação e da gestão (BRASIL, 2019).

Para Souza (2009), esse programa proporciona aos municípios oportunidade de ocupação saudável para crianças e jovens no contra turno de seu período escolar. Com isso, conforme o autor, tem-se uma maneira de eles se manterem ligados ao ambiente educativo, sendo-lhes disponibilizada uma variedade de ocupações, contribuindo para a prevenção e proteção dos que se encontram expostos à vulnerabilidade social. Trata-se, a seu ver, de uma possibilidade de ocupação do tempo ocioso de forma compromissada, proveitosa e saudável (SOUZA, 2009).

A esse respeito, são importantes as considerações de Gaya (2008). Segundo o autor, os benefícios de programas sociais como o PST são sentidos ao se considerar a ocupação do tempo e a retirada de crianças e jovens de situações de exposição e de risco social:

Por isso, a missão final de programas sociais deve ser oferecer às crianças e aos jovens oportunidades de desenvolvimento humano por meio da educação. Desenvolver soluções educacionais capazes de colaborar nessa empreitada. Promover corresponsabilidade social. Advogar a causa da infância e da juventude e mobilizar a sociedade em torno dela. (GAYA, 2008, p. 11).

Por enquanto, contudo, afirma-se tão somente que, nos últimos anos, os projetos sociais ligados ao esporte vêm conquistando lugar de destaque na área educacional. O número de crianças e jovens que se encontram em vulnerabilidade social e que são atendidos pelo terceiro setor também aumenta consideravelmente a cada ano e, neste sentido, os programas e projetos voltados para o desenvolvimento de atividades esportivas surgem como uma importante ferramenta para promover a inclusão social.

Segundo Long (2002), o esporte é utilizado nos projetos sociais como instrumento para o enfrentamento de problemas sociais, relacionando-se com aspectos ligados à educação, redução da criminalidade, promoção da saúde e desenvolvimento pessoal.

O esporte, de fato, é reconhecido como canal de socialização ou inclusão social, evidenciado pelo crescente número de projetos esportivos destinados aos jovens das classes populares, financiados por instituições governamentais e privadas. Os programas alternativos paralelos à educação formal, de iniciação profissional e educação através do esporte e do trabalho surgem com força nos anos de 1980, como oposição a socialização exercida pelo crime organizado em favelas (ZALUAR, 1994).

Incluir socialmente significa oportunizar e garantir a participação do indivíduo como cidadão dentro da sociedade em todos os ambientes, respeitando seus direitos e cumprindo seus deveres, combatendo a exclusão social, sejam pela classe social, nível educacional, deficiências física e mental, minorias raciais ou outras que não tem acesso às oportunidades.

Para Wilpert (2005) a inclusão social é caracterizada como um processo de atitudes afirmativas, pública e privada, no sentido de inserir no contexto social mais amplo todos aqueles grupos e populações excluídas.

De acordo com Abramovay *et al.* (2002) o protagonismo dos jovens participantes de projetos sociais, constitui um importante contraponto à violência e exclusão social, contribuindo para o desenvolvimento dos mesmos e direcionando-os a reconstrução de valores éticos, como de solidariedade e responsabilidade social.

O papel do educador e dos profissionais que atuam nos projetos sociais é fundamental para o processo de formação e inclusão social através do esporte. Precisa conhecer o contexto social que está inserido, assim como as necessidades dos jovens atendidos.

Acredita-se que ensinar bem o esporte é ensinar mais que ele mesmo. É explorá-lo ao nível de exercer tal fascínio nos jovens, que ele represente um contraponto tão forte quanto as pressões da violência generalizada que sofrem todos os dias. É necessário que se planeje e encare o esporte em projetos sociais como uma ação que seja tão profunda quanto as marcas da exclusão que estas pessoas vivem. Acredita-se, por fim, que se não for desta maneira, a pedagogia do esporte não será páreo para a pedagogia das ruas e do tráfico (HIMARA E MONTAGNER, 2012, p.162).

De Marco (2002) acredita que para possibilitarmos aos indivíduos vivências esportivas educativas, é necessária uma compreensão mais apurada do fenômeno social em questão, pois esta interfere diretamente no comportamento individual adotado perante a prática.

É importante saber o que desejamos realizar e para se ter esses objetivos bem delineados é importante saber a quem estamos servindo. E isso só poderá acontecer quando de fato elaborarmos uma educação que vise integrar as classes quitando passo a passo a dívida social que a nossa sociedade tem com os mais pobres, aprofundando-se nos seus anseios e necessidades. (FIDELIS; MARQUES; OLIVEIRA, 2009, p. 6).

A autora da obra “Cidadãos não vão ao Paraíso”, a antropóloga Alba Zaluar (1994, p. 92), constrói uma convicção geral sobre a positividade do esporte, destacando “as qualidades de caráter, como o companheirismo, a força de vontade,

o fair play, todas elas experimentadas e vividas concretamente na prática do esporte”. Segundo a autora o esporte, através do lúdico e de suas regras universais, proporciona profundas possibilidades de socialização em quaisquer sociedades, estimulando os jovens de periferia a serem reconhecidos e valorizados pelos seus méritos, independente das condições sociais e do poder aquisitivo.

Contrário a estas perspectivas, alguns autores questionam e criticam os modelos de projetos sociais esportivos que, desde seu início, não passaram por alterações no seu propósito e nos objetivos, limitando-se a um discurso salvacionista, abordando temas como a ocupação do tempo livre dos jovens em situação de vulnerabilidade social. De acordo com Gonçalves (2003), os objetivos dos projetos sociais quando surgiram, nos anos de 1980, são os mesmos em muitos casos, nos tempos atuais. A autora afirma que, “tanto os problemas que serviram de justificativas para o desenvolvimento desses programas quanto às soluções criadas para resolvê-los continuam em vigor até hoje” (p. 143).

É fundamental que a prática do esporte dentro dos projetos sociais não seja reduzida ao simples fato de manter os educandos ocupados ou tirá-los das ruas, bem como, também não seja alvo de um discurso salvacionista e moralizante (SILVA, 2010). É importante que os objetivos e metas dos projetos estejam claros, tanto para a equipe de profissionais quanto para os jovens participantes, de modo que as ações e atividades desenvolvidas sejam planejadas e executadas de acordo com os objetivos estabelecidos.

Silva (2010) fez um levantamento dos objetivos encontrados em projetos sociais, evidenciando o quanto o esporte e a atividade física são fundamentais nestas organizações: ocupação do tempo ocioso; inclusão social; desenvolvimento de valores; melhora nas capacidades físicas; melhora nas habilidades motoras; melhora na qualidade de vida; diminuição da exposição a riscos sociais; conscientização da prática de atividades físicas e esportes; combater e prevenir a criminalidade precoce; Integração social; promoção da convivência social; aumento da autoestima; promoção de valores éticos e cidadania; desenvolvimento humano; busca de talentos esportivos; formação de atletas; desenvolvimento de competências cognitivas, pessoais, sociais e produtivas; educação para a vida; convivência social; formação integral; alegria e prazer; formação de cidadão críticos e autônomos; substituição da seletividade e exclusão competitiva por participação e solidariedade; contribuir no processo de emancipação social das classes populares.

É fato que a violência e o tráfico estão presentes nas ruas, principalmente nas regiões periféricas, porém, mais do que “tirar as crianças da rua”, é fundamental a reflexão sobre “o que” e “como” serão oferecidas as atividades nos projetos sociais esportivos, com o objetivo de promover aprendizagens reais e manter os educandos motivados (HIMARA; MONTAGNER, 2012).

Percebe-se, frequentemente, que as afirmativas descritas acima e os discursos moralizantes são embasados no senso comum, não se aprofundando em uma reflexão sobre como o esporte é desenvolvido dentro dos projetos sociais e como pode contribuir para a inserção de um indivíduo neste contexto. As atividades esportivas possuem um potencial significativo e podem transformar a vida de uma criança. Deste modo, não podemos nos satisfazer com concepções genéricas e sem profundidade, reduzindo o potencial e as contribuições que o esporte pode trazer para os jovens (MEYER, 2011).

Para que ocorra essa reflexão mais aprofundada sobre a importância do esporte como ferramenta educativa, também é necessário o desenvolvimento de estudos e pesquisas que forneçam fundamentação teórica para reforçar, de modo consistente, as práticas realizadas nas organizações, beneficiando ainda mais os jovens participantes dos projetos sociais esportivos.

2.2 PROGRAMAS SOCIAIS, INCLUSÃO SOCIAL E VULNERABILIDADE SOCIAL

Antes de adentrar a questão dos programas sociais, apresentamos os conceitos de inclusão social e vulnerabilidade social.

O conceito de vulnerabilidade social pode ser compreendido a partir do contraponto realizado com a noção de exclusão social, pois indica uma fragilidade do vínculo social em um processo dinâmico, antes da ruptura oriunda de tal vínculo, caracterizando a exclusão.

Desse modo, a análise de situações extremas - incluídas ou excluídas - dá lugar à reflexão sobre situações intermediárias, cujo mérito é analisar as condições de desigualdade social e também compreender o problema da mobilidade, ascendente ou descendente, para a qual determinados grupos questões sociais estariam sujeitas.

No entanto, é preciso reiterar que as situações de vulnerabilidade social não são necessariamente constantes. Ao contrário, elas “[...] expressam a existência de uma ‘zona intermediária instável’ entre as situações de inclusão e de exclusão social” (BRASIL, 2007, p. 23). Apontam, portanto, para uma capacidade menor de

enfrentamento de situações de risco, sendo referentes a uma menor ou maior capacidade de um grupo social, família ou indivíduo articular os dispositivos que impactam o seu bem-estar, bem como as maneiras de aproveitamento das oportunidades que são proporcionadas tanto pela sociedade como pelo mercado e pelo Estado (BRASIL, 2007).

A denominada zona de vulnerabilidade tem em sua composição “[...] setores pobres que buscam alternativas para estarem incluídos ou por setores médios empobrecidos que têm perdido canais de inclusão” (BRASIL, 2007, p. 24).

Desse modo, pode-se evidenciar o estabelecimento de um conceito dinâmico, que propicia uma apreensão, igualmente dinâmica, dos fenômenos sociais percebidos, englobando uma análise da mobilidade social em seu sentido ascendente, que corresponde à saída da marginalidade e/ou indigência, e inverso, relativo à queda no padrão de bem-estar e inserção social. Em virtude disso, tem-se mostrado um conceito com maior apropriação para a descrição e análise do cenário contemporâneo, que se mostra a cada dia mais heterogêneo e complexo, no qual a compreensão de paradoxos como excluídos e incluídos, ricos e pobres, exige a condução de uma análise dos processos que são a ele intermediários (BRASIL, 2007).

São várias as perspectivas pelas quais se pode contemplar o conceito de vulnerabilidade, assim como as propostas estabelecidas para o enfrentamento desse problema. Uma delas consiste na concepção ecológica e fenomenológica apresentada por Pelluchon (2011), que faz anotações em sua obra sobre a vulnerabilidade a partir de uma reflexão acerca da sociedade contemporânea, considerando-se suas maneiras de habitar, de convivência com culturas diferentes e de interação com a natureza. Desse modo, ainda de acordo com a autora, tem-se no modo de vida atual a observância estrita a uma lógica que tem a guerra e a destruição como resultados.

Além da perspectiva fenomenológica defendida por Pelluchon (2011), faz-se menção, ainda, à abordagem que foi adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), bem como pelos principais governos democráticos contemporâneos, que tem servido para alimentar o debate sobre a vulnerabilidade humana nas relações sociais.

Contudo, há que se destacar que algumas leituras psicossociológicas, sociológicas e políticas questionam tal visão governamental, considerando análises de caráter sócio-histórico dos processos de subordinação que são impostos pela

lógica do capitalismo, bem como dos fluxos de poder possíveis de serem neles identificados (BRASIL, 2007).

O fato é que, na última década, os estudos acerca da vulnerabilidade social ganharam “[...] maior importância enquanto instrumento de investigação da realidade atual do mundo do trabalho nos países desenvolvidos e em desenvolvimento” (BRASIL, 2007, p. 14).

É, pois, nesse contexto que se desenvolve o conceito de vulnerabilidade social, deixando de lado a concepção de exclusão social, cujo teor dialoga acerca de situações-limite de marginalidade e/ou pobreza. Sob tal perspectiva, seria possível contemplar a exclusão social como termo correlato à noção de ‘desfiliação’ proposta por Castel (1998), que tem como característica maior a ruptura dos vínculos sociais.

Tomando-se, pois, as considerações até aqui lançadas, é possível conceber a vulnerabilidade social como sendo um conceito afeto à “existência ou não, por parte dos indivíduos ou das famílias, de ativos disponíveis capazes de enfrentar determinadas situações de risco” (BRASIL, 2007, p. 21).

De modo geral, os projetos e programas sociais dirigem-se a um problema social que afeta populações de estratos sociais específicos, sendo estabelecidos com vistas a promover uma solução para o mesmo.

Nesse contexto, de acordo com Campello *et al.* (2018), tais problemas sociais podem se manifestar na escassez ou ausência total de acesso a determinados bens sociais comuns (direitos básicos a todos garantidos por lei), podendo ser identificados como problemas que envolvem a questão de acesso, por exemplo, ao esporte, ao lazer, à moradia, dentre outros direitos básicos do homem.

As populações que se veem privadas do gozo de tais direitos são ditas em situação de vulnerabilidade ou risco social, a depender do grau de afetamento desses problemas sociais na vida dessas pessoas. Assim, de um modo geral, tomando ainda como referência Campello *et al.* (2018), as pessoas consideradas vulneráveis sociais são aquelas acometidas por injustiças, que põem em risco a sua própria dignidade e integridade moral, mental e física.

Neste contexto, Carvalho, Müller e Stephanou (2003, p. 16) referem-se aos projetos sociais da seguinte forma:

[...] projetos sociais nascem do desejo de mudar uma realidade. Os projetos são pontes entre o desejo e a realidade. São ações estruturantes e intencionais, de um grupo ou organização social, que

partem da reflexão e do diagnóstico sobre determinada problemática e buscam contribuir, em alguma medida, para outro mundo possível.

Analisando-se as desigualdades sociais existentes no Brasil, pode-se contemplar o estabelecimento de projetos sociais como alternativas para reduzir o caos social instalado. Segundo Gohn (2000), tais projetos:

[...] objetivam a participação dos cidadãos visando incluí-los, enquanto parcela dos excluídos, em programas sociais de natureza variada. Muitos deles se desenvolvendo por meio de atividades sócio-educativas que se preocupam, de fato, com a mudança social e a emancipação dos indivíduos. Eles buscam criar uma interlocução que lhes possibilite – constituírem-se como sujeitos coletivos e autônomos. Entretanto, há outros projetos que de social só têm o nome, pois tratam os indivíduos isoladamente, como usuários, clientes consumidores de políticas sociais de cunho compensatório. (GOHN, 2000, p. 17).

Diante dos apontamentos até aqui lançados, é possível, pois, definir projetos sociais como sendo ações planejadas e diretivas, elaboradas por organizações governamentais ou não governamentais em prol de prestar cuidados a grupos específicos da sociedade, que, por alguma razão, estão vulneráveis socialmente em relação ao acesso a direitos básicos previstos em lei.

Desse modo, de acordo com Melo, Neto e Votre (2009), pode-se afirmar que os objetivos dos projetos sociais abrangem desde a democratização ao acesso a bens públicos até a proteção pessoal e social de pessoas em situação de risco. Podem, ainda, segundo os autores, estender-se às diferentes camadas sociais, sem se promover quaisquer discriminação por idade, condição física, gênero, cultura ou etnia.

Tratam-se, pois, de projetos que compartilham dos princípios da emancipação e da universalização, sendo certo que, tal como descrito pelos autores em sua obra, um projeto social tem o seu nascedouro na convicção das pessoas e das organizações, governamentais ou não governamentais, com norteamento fornecido pela necessidade de promover mudanças nas realidades que impactam o desenvolvimento e as condições de vida das pessoas (MELO; NETO; VOTRE, 2009).

2.3 ESPORTE EDUCACIONAL

O esporte é considerado um importante fenômeno no mundo contemporâneo, influenciando fortemente nos setores político, social, econômico, educacional e cultural. Cada vez mais, percebe-se a seus benefícios para os indivíduos e comunidade, independente se o objetivo é lazer, espetacularização ou inclusão social (HIRAMA, 2008; REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Entretanto, o esporte tem adquirido diferentes significados em diferentes tempos e lugares. Constantino (2007) descreve bem esta situação ao afirmar que o esporte não é um fenômeno singular, pois existem vários modos de representá-lo, de praticá-lo, de vivenciá-lo, e de interpretá-lo. Paes (2006) e Gaya (2001) argumentam na mesma direção. Para estes autores, um dos aspectos que caracteriza também a dimensão fenomenal do esporte nesse século é sua pluralidade, assegurando, a cada dia, significados e ressignificados em sua prática, tornando-o cada vez mais fascinante. Estas características do esporte contemporâneo criam dificuldades quando se deseja abordá-lo no contexto dos projetos sociais esportivos.

Betti (1991), por exemplo, refere-se ao esporte como uma ação social institucionalizada composta por regras, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre dois ou mais oponentes ou contra a natureza, cuja o objetivo é, por meio de comparação de objetivos, determinar o vencedor ou registrar o recorde. Os resultados alcançados pelos praticantes são resultantes das habilidades ou estratégias utilizadas por estes, e podem ser intrínsecas ou extrinsecamente gratificantes. Mesmo voltado a competição entre os oponentes, composta por regras e busca pelos melhores resultados, Betti retrata a prática do esporte através do desenvolvimento da parte lúdica e recreativa, promovendo momentos de diversão e integração entre os praticantes.

Bracht (1989), por sua vez, refere-se ao esporte como uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo seguindo algumas características básicas: competição, rendimento físico e técnico, recorde, racionalização e cientificização do treinamento.

Para Kolyniak Filho (1997), o esporte é uma atividade realizada na forma de jogo (no sentido de que não há certeza absoluto antecipada de seu resultado) em que duas ou mais pessoas confrontam determinadas habilidades motoras específicas, em condições e limites espaço-temporais preestabelecidos, registrados e controlados publicamente, sendo o resultado de tal confronto passível de comparação com resultados verificados em outras competições similares.

Atualmente, diversas são as maneiras de classificar o esporte, mas a partir de Tubino (2001) a legislação brasileira reconhece o esporte sob três aspectos de sua manifestação: esporte-performance ou de rendimento, esporte-participação, e esporte-educação ou esporte educacional.

Segundo Tubino (2001, 2011), o conceito de esporte, que se centra na concepção do direito universal (de todos) à prática esportiva, teria sido consolidado na segunda metade do Século XX. Foi, pois, a partir dessa expansão conceitual experimentada, que o esporte foi compreendido a partir das três manifestações, que integram as dimensões sociais do esporte: esporte-performance, esporte-participação e esporte-educação.

O Esporte-Performance, também denominado esporte desempenho, é praticado em observância estrita a regras e códigos que são estabelecidos por entidades internacionais. Tem, portanto, como objetivo a obtenção de prêmios financeiros, projeção na mídia, títulos esportivos, recordes, vitórias e resultados. Desse modo, trata-se de concepção guiada por dois princípios: o desenvolvimento esportivo e a superação (TUBINO, 2011).

O Esporte-Participação se apoia nos princípios da inclusão, do prazer e da participação, tendo como fim o bem-estar social daqueles que o praticam. Apresenta forte relação com a flexibilização de regras, possuindo, ainda, um caráter voluntário, com atuação em contextos diversos, abrangendo de a idealização até a efetiva participação do indivíduo nas atividades esportivas, quer em grupos, quer em comunidades (TUBINO, 2011).

Por fim, o Esporte-Educação, dimensão que interessa para o presente estudo, está relacionado à concepção de formação cidadã. Há uma divisão possível para essa dimensão em Esporte Escolar e Esporte Educacional. Enquanto o primeiro corresponde à concepção de práticas diferenciadas para os jovens com biotipos e talentos diferenciados, compatíveis com as diversas modalidades esportivas, o segundo se volta à concepção de que a inclusão de todos serve para reforçar a democratização da prática esportiva. Sendo assim, no Esporte Educacional, o foco é tão somente na formação, não havendo comprometimento com o desenvolvimento de atletas, muitas vezes presente no âmbito escolar (TUBINO, 2011).

O conceito de educação esportiva (esporte-educação) ou esporte educacional surgiu em 1978 com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO. Tendo sido desenvolvido em sistemas educacionais formais e não formais de maneira desinstitucionalizada – ou seja, sem seguir os padrões estabelecidos pelas federações esportivas internacionais –, adaptando gestos motores, materiais, espaços, estruturas e regras a partir das condições pessoais e sociais, o esporte educacional busca transcender a visão que a sociedade nutre sobre o esporte

enquanto um espetáculo e como busca por resultados. O esporte educacional surge com a finalidade de democratizar o esporte e evitar a exclusão e a competitividade exacerbada no rendimento. Tubino (2001, p. 38) destaca que deve ser “evitada à seletividade, a segregação social e a hipercompetitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária”.

Quando da criação do Ministério do Esporte (ME), em 2003, o decreto nº 4.6683 determinou a estrutura e os órgãos do novo Ministério, estabelecendo três secretarias finalísticas: Secretaria Nacional de Esporte Educacional (SNEED), Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL) e Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR). Tal estruturação contemplou o detalhamento legal das manifestações esportivas: educacional, participação e rendimento (OLIVEIRA, 2016). O autor destaca que a criação do ME evidenciou um tratamento diferenciado na gestão pública do esporte, que passa a “[...] assumir pública e oficialmente as demandas esportivas como uma questão de acesso dos cidadãos a um direito legalmente garantido.” É importante destacar que o ME foi extinto em janeiro de 2019, sendo a pasta incorporada ao Ministério da Cidadania.

Resgatando a história do esporte percebe-se as origens no contexto educacional, apesar da dominação e da forte influência do esporte de rendimento na nossa sociedade. O esporte moderno originou-se nas *public schools* inglesas, a partir de 1820, com Thomas Arnold, pedagogo que utilizou “jogos aristocráticos e burgueses como elemento pedagógico que foram sendo codificados e organizados pelos próprios estudantes” (RUBIO, 2002, p. 136), culminando na institucionalização e proliferação do esporte pela Europa (TUBINO, 2007, p. 2).

Para Kunz, é necessário: um esporte que não necessariamente precisa ser tematizado na forma tradicional, com vistas ao rendimento, mas com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados. Refiro-me às competências da autonomia, da interação social e da competência objetiva (KUNZ, 2006, p. 29).

Se antes (o esporte) era uma atividade quase exclusivamente orientada e estruturada para o alto rendimento e a competição organizada, para a afirmação dos estereótipos da juventude forte e saudável, da virilidade e masculinidade, o esporte passou progressivamente a ser uma prática aberta a todas as pessoas e idades e a todos os estados de condição física e sociocultural. Expandiu-se e conquistou novas terras, ou seja, à vocação original da excelência e do alto-rendimento adicionou a instrumentalização ao

serviço das mais distintas finalidades: saúde, recreação e lazer, aptidão, estética, reabilitação e inclusão. (BENTO, 2007, p. 21).

Segundo Tubino (2007, p. 41), o esporte educacional é “um direito de todos os jovens, na infância e na adolescência” e tem como objetivo “alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e sua formação para a cidadania e a prática de lazer ativo.”

A Carta dos Direitos da Criança no Esporte, aprovada no 10º Congresso Internacional do Panathlon, em 1995, explicita os direitos da criança no esporte (TUBINO, 2007, p. 626):

- a) Direito de praticar esporte
- b) Direito de se divertir e jogar
- c) Direito de se beneficiar de um ambiente sadio
- d) Direito de ser tratado com dignidade
- e) Direito de ser circundado e treinado por pessoas competentes
- f) Direito de seguir treinamentos adequados aos seus ritmos
- g) Direito de medir-se com jovens que tenham as mesmas probabilidades de sucesso
- h) Direito de participar de competições adequadas a sua idade
- i) Direito de praticar o seu esporte com absoluta segurança
- j) Direito de ter os tempos certos para repousar
- k) Direito de não ser um campeão

O esporte educacional é referenciado por princípios socioeducativos, como inclusão, participação, cooperação, coeducação e corresponsabilidade, assim definidos por Tubino:

- a) Princípios da inclusão e participação: nenhum educando pode ficar à margem das práticas esportivas; todos devem ser incluídos nas aprendizagens que o esporte pode propiciar e, para tanto, pode-se alterar as regras para permitir o cumprimento deste princípio.
- b) Princípio da cooperação: o esporte deve contribuir para “o espírito comunitário entre os praticantes” e, portanto, vivências cooperativas devem ser incentivadas.
- c) Princípio da coeducação: as práticas esportivas devem acontecer “numa comunhão de alegria e emoção”, combatendo o preconceito e democratizando o acesso ao esporte a todos os gêneros, raças, situação social.
- d) Princípio da corresponsabilidade: faz com que os jovens se responsabilizem por suas decisões, como adaptação das regras, medidas organizativas etc.

O método para ensinar o esporte educacional tem que ser transdisciplinar. Isto é, queremos ensinar futebol e outros esportes, mas não queremos que nossos alunos aprendam só o futebol. Queremos que, aprendendo futebol, aprendam a ir além disso, que aprendam para a vida, que aprendam conhecimentos que repercutam em outras situações de vida e conduzam à cidadania. Queremos formar cidadãos que também saibam praticar esportes, porque entendemos que a vida é mais que jogar futebol, ou basquete, ou ser engenheiro, advogado ou dentista. A vida é o plano maior, é a meta. Claro que estamos falando de vida cidadã, vida justa, vida feliz. (FREIRE, 2013).

Segundo Reis e Silva (2016), os princípios pedagógicos parecem garantir um possível sucesso com o uso da metodologia e a diferenciação de outras manifestações do esporte, com base em sua especificidade, incluindo o uso de organização sistemática por quem propõe as atividades.

De qualquer forma, o que temos é que, no esporte educacional, a expectativa é que o processo de treinamento possa ocorrer com professores, monitores e coordenadores preparados com o conhecimento inerente ao processo de desenvolvimento moral da criança. Da mesma forma, eles também devem estar cientes de poder aproveitar todas as oportunidades que se apresentarem para exercer um conteúdo tão precioso da formação de um sujeito justo e solidário, pronto para enfrentar as consequências da vida.

Portanto, o esporte educacional existe, segundo os autores consultados, com base em princípios educacionais, baseados em participação, cooperação, educação, responsabilidade e inclusão. Nessa perspectiva, segundo Tani (2007), o esporte seria concebido como uma atividade humana, atuando no desenvolvimento integral do ser humano para sua socialização, sua saúde e o desenvolvimento da autoestima para a formação da cidadania.

2.4 DIMENSÃO LÚDICA DOS PROJETOS SOCIAIS DE ESPORTE

O significado do termo ludicidade, de acordo com Santos (2002), remete ao latim *ludus*, que significa brincar. No ato de brincar estão incluídos os jogos e os divertimentos. Desse modo, o jogo desempenha importante função educativa, qual seja, a de aperfeiçoar a aprendizagem do sujeito. Assim, ao trabalhar juntos, a educação e a diversão aumentam as possibilidades de aprendizado completo e eficaz. Nesse contexto, de acordo com Silva e Santos (2009), o jogo é da maior importância, não apenas para crianças e jovens, mas para pessoas em qualquer idade.

De certo modo, o jogo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das pessoas, pois por meio dessa atividade elas podem se expressar. Sendo assim, pode haver, no jogo, uma representação do momento ativo, que se relaciona a um determinado comportamento, correspondendo, pois, a uma simbolização.

Assim como os jogos, o esporte também tem um caráter lúdico. Suas raízes estão ligadas ao jogo, que recebe o nome de esporte quando institucionalizado (SADI; COSTA; SACCO, 2008). De acordo com Villas Boas, Fontanella e Perreira (2000), enquanto meio educacional, torna-se difícil abordar o esporte sem se mencionar o jogo. Isso porque no esporte e nos jogos as regras são elementos constitutivos. No seu formato lúdico, as regras têm, muitas vezes, um caráter de mutabilidade, com a imposição de regras, porém mais flexíveis. O mesmo ocorre quando adaptamos certos esportes tradicionais para um contexto educativo, como ocorre com projetos sociais esportivos.

Para confirmar o que fora aqui relatado quanto ao esporte enquanto meio educacional, Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009, p. 239-240) assim destacam em sua obra:

Ensinar pelo jogo é valorizar a complexidade do fenômeno esportivo, negando o ensino pelas partes, e enfatizando o ensino pela totalidade formada por partes que se manifestam de maneira sistêmica (e não fragmentada), numa teia complexa de ações, gestões, intenções e problemas a serem resolvidos em contexto de jogo.

Contudo, segundo Rodrigues (2003), com o passar dos anos, a Educação Física se tornou quase que exclusivamente vinculada ao esporte. Conforme o autor, existem algumas escolas, inclusive, que funcionavam no sistema de clubes, deixando que os alunos escolhessem qual modalidade esportiva gostariam de praticar para adotá-la ao longo do ano letivo.

No entanto, ainda segundo Rodrigues (2003), tal prática não favorece a Educação Física Escolar, na medida em que não se proporciona, com o seu desenvolvimento, exploração de todo o seu potencial tão somente com a prática esportiva, sem oferecer outras manifestações condizentes com os objetivos de formação da disciplina, que consistem, conforme Ferreira Junior (2018), no despertar do interesse, nos alunos, de se envolver com a prática de exercícios e atividades corporais, criando, assim, convivências construtivas e harmoniosas com outras pessoas, sendo capaz de reconhecer e de respeitar as características físicas e o

desempenho tanto de si próprio, como dos outros indivíduos, sem promover segregação e/ou depreciação por quaisquer peculiaridades ou qualidades.

Há, também, uma educação favorecida do corpo, buscando-se constituir um físico saudável e organicamente equilibrado, com menor susceptibilidade a doenças. O amplo pensamento intelectual e político dizia respeito, pois, à melhoria da genética da raça humana, apregoando a mistura de escravos como ameaça de desqualificação da raça branca. Por esse motivo, associaram, à época, a educação sexual à educação física, ensinando o dever de prevenção para homens e mulheres, de forma a se assegurar que a “soberania racial branca” fosse preservada (GÓIS JÚNIOR; LOVISOLO, 2003).

Na escola, a educação física é apresentada como sendo uma disciplina curricular que possui conteúdos próprios, apresentando relação com uma série de conhecimentos originários do domínio acadêmico a ela pertinente (BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011). Para alcançar uma aprendizagem significativa em seu âmbito, no entanto, o conteúdo deve ser adaptado às necessidades do aluno, razão pela qual é preciso trabalhar com a sistematização e a organização daquilo que será ensinado, prestando atenção aos objetivos da disciplina, mas não negligenciando as necessidades, as características e a história social das pessoas envolvidas. Somente então será possível desenvolver métodos eficientes de ensino e de avaliação (NEIRA; NUNES, 2011).

Segundo Betti e Zuliani (2002), a educação física escolar está comprometida com a formação de um cidadão com capacidade de se posicionar de forma crítica diante de novas formas de cultura corporal do movimento. Assim, enquanto componente integrante do currículo escolar, ela é responsável pela introdução e integração do aluno na cultura corporal do movimento, uma vez que as práticas convencionais são aplicadas em aulas voltadas ao uso de brincadeiras, esportes, danças, atividades rítmicas e ginástica.

Nesse sentido, segundo Daolio (2004, p. 67), a “Educação Física na escola deve proporcionar condições para que os alunos obtenham autonomia em relação à prática da atividade física”, o que significa que essa prática não se limita às aulas de educação física, mas também que esse objetivo será alcançado apenas se os alunos tiverem o prazer de realizá-las no ambiente escolar, porque, uma vez que desfrutem de certas práticas corporais, torna-se mais provável que o indivíduo queira continuar, sendo caracterizado, portanto, um vínculo de prazer. Segundo Machado (2006), o

esporte merece atenção especial. Contudo, os docentes de educação física escolar ainda deixam muito a desejar, trabalhando com os alunos apenas em esportes básicos, como o basquete, o futebol, o voleibol e o handebol.

Para Ferreira Junior (2018), pode-se trabalhar o esporte de maneira lúdica. Contudo, conforme o autor, para que se consiga promover a socialização entre os participantes, juntamente com o respeito e a oportunidade de expandir seus relacionamentos, deve-se atentara para a importância do planejamento das aulas.

A possibilidade de interação social a partir dessa disciplina é igualmente retratada por Piaget (1978) e Freire (2002). Em Piaget (1978), ao se contemplar as regras e limitações estabelecidas pela educação física escolar, vislumbra-se a construção de personalidade voltada ao reconhecimento de limites na interação social e da existência de normas a serem seguidas para o bem-estar da comunidade. De igual forma, em Freire (2002), ao sustentar que o jogo representa coordenações sociais, expõe o autor que estas estão relacionadas a normas às quais os alunos devem se submeter para viver em sociedade.

Segundo Maldonado (2015), o esporte na escola, por muito tempo contemplava somente a dimensão procedimental dos conteúdos, após o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física intensificou-se um debate no meio acadêmico, enfatizando que os esportes e outras manifestações corporais também deveriam ser ensinados abrangendo as dimensões conceituais e atitudinais dos conteúdos. De acordo com Villas Bôas, Fontanella e Perreira (2000), amparados nos parâmetros curriculares nacionais de 1998, é necessária uma formulação de atividades que façam sentido para o aluno, quando se trata de jogos e esportes como componentes curriculares.

Para alcançar esse objetivo, torna-se necessário a inclusão de atividades que proporcione prazer na sua prática. O esporte, como herdeiro do jogo, possui dois pontos relevantes para o ensino/aprendizagem: a estruturação de jogos e a promoção/substituição das tradicionais modalidades esportivas por atividades em jogos esportivos (SADI; COSTA; SACCO, 2008).

Um dos objetivos do esporte é a formação para a vida, a prática não se limita ao ambiente escolar, ou a clubes/academias. Ao mesmo tempo em que é sério e competitivo é lúdico. O prazer, o descanso, o divertimento, faz parte do seu conceito inicial, das suas raízes. Segundo Vancini *et al.* (2015) é fundamental o respeito às particularidades dos praticantes, aos diferentes significados que a prática do esporte

proporciona. Esse respeito torna-se necessário pelo fato do esporte ser praticado por diferentes tipos de sujeitos, com individualidades biológicas e necessidades particulares.

De acordo com Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009), após o entendimento da natureza complexa do esporte e do jogo, ambos assumem uma condição capaz de confundir-se enquanto fenômeno humano. Portanto, entende-se que esporte e o jogo se encontram em uma zona de fronteira de difícil demarcação, onde um, invariavelmente, invade o terreno do outro (REZER, 2010).

O jogo é um sistema complexo, ao considerá-lo com uma grande categoria, da qual o esporte faz parte, pode-se afirmar que os esportes coletivos também são um sistema dotado de complexidade (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009). Já os esportes coletivos têm como característica alguns princípios que dominam as modalidades, são eles: atacar, defender, princípios técnicos e táticos, ou seja, todas as modalidades esportivas coletivas possuem um sistema ofensivo, um sistema defensivo e um sistema de transição.

De acordo com Vancini *et al.*, (2015), uma modalidade esportiva é composta por um conjunto de ações motoras direcionadas à um determinado objetivo. Para Menezes, Marques e Nunomura (2014) os Jogos esportivos coletivos são compostos por elementos técnicos e táticos (individuais e coletivos) específicos, a combinação desses conteúdos resulta na complexidade do jogo, onde o praticante é protagonista.

Segundo Venditti Jr e Sousa (2008), os jogos desportivos coletivos apresentam dois traços fundamentais, o primeiro traço é a cooperação, isto é, a capacidade de encontrar respostas adequadas aos problemas que surgem pelas situações de jogo e, por fim, o segundo traço fundamental é a competição.

Para Garganta (1998), os jogos desportivos coletivos fazem parte da cultura desportiva contemporânea e sendo bem orientados podem promover desenvolvimento tático-cognitivo, técnico e sócio afetivo. Nesse sentido, cite-se Vancini *et al.* (2015, p. 144), segundo quem:

Outras características comuns dos esportes coletivos é que possuem uma unidade de jogo, caráter de imprevisibilidade das ações motoras, ações cooperativas entre companheiros, rápidas tomadas de decisões e participação de múltiplas inteligências.

Bayer (1994) estabeleceu uma teoria de ensino, na qual todas as modalidades esportivas coletivas possuem uma lógica em comum, isto é possível pelo fato de possuírem seis constantes comuns que configuram uma modalidade esportiva

coletiva, sendo elas: a bola ou implemento similar; terreno demarcado (um espaço de jogo); alvo para atacar; alvo para defender; parceiros; adversários; e regras do jogo. São essas invariantes que geram a categoria Esporte Coletivo, ou Jogo Esportivo Coletivo, e que permitem visualizar uma mesma estrutura de jogo (DAOLIO, 2002).

Vancini *et al.* (2015) apontam estratégias de ensino das modalidades esportivas coletivas e facilitadores pedagógicos, citam, por exemplo: exercícios analíticos (que estão relacionados ao aperfeiçoamento da técnica e a sua execução está, muitas vezes, desvinculada a situação real de jogo); exercícios sincronizados (que são dois ou mais fundamentos em um mesmo exercício com dinâmica e aproximação da situação real do jogo); jogos e brincadeiras (que acentuam o caráter lúdico, permitem trabalhar com rigor os aspectos técnicos dos gestos esportivos); situações de jogo (que são os jogos pré-esportivos, jogos reduzidos e o jogo formal).

De todo modo, o que se pode afirmar é que o esporte é um dos fenômenos mais importantes desse início de século XXI, permeando em diversas dimensões e cenários das atividades humanas (desenvolvimento científico, relações sociais, conhecimento, comunicação), sustentando uma ampla pluralidade de significados e finalidades. Diversas áreas de conhecimento, como sociologia, biologia, antropologia, medicina, entre outras, ampliaram as possibilidades de compreensão desde fenômeno, incluindo a área da Pedagogia, que contribui de forma muito importante enquanto possibilidade de intervenção educativa na prática do esporte.

Segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009) a pedagogia se interessa pelo estudo da teoria e da prática da educação, e, por ser um campo de conhecimento, se interessa pela prática concreta. A pedagogia do esporte tem o importante papel de investigar a prática educativa centrada no esporte, o fator determinante para o seu surgimento foi o grande interesse da sociedade pelas práticas esportivas. De acordo com Vancini *et al.* (2015 p. 139):

Os objetivos da pedagogia do esporte estão centrados na pessoa e na sua relação com o ambiente esportivo. Nesse sentido, a pedagogia do esporte se incumbem de apontar os princípios norteadores pedagógicos, organizar, planejar, sistematizar, executar, transformar e avaliar procedimentos de ensino-aprendizagem para que seja possível auxiliar no desenvolvimento integral do ser humano.

Para melhor esclarecer, vale citar Sad, Costa e Sacco (2008, p. 25-26), para quem:

O ponto de partida da Pedagogia do Esporte deve caminhar no sentido do desenvolvimento significativo/significativo para a vida do aluno. Nesta direção, o ensino do esporte, para além do ensino de técnicas

e habilidades, deve instigar no aluno o porquê, para quê do fazer gestual e, ainda, quando e como resolver problemas táticos, ou seja, estimular a compreensão/cognição como ferramenta de intervenção no jogo.

Segundo Vancini *et al.* (2015), a pedagogia do esporte está balizada por dois princípios integrados, que servem como ponto de partida para o ensino do esporte, sendo eles: o princípio técnico-tático, que busca trabalhar aspectos físicos, técnicos e táticos da prática esportiva; e o socioeducativo, que ensina a lidar valores e modos de comportamento. Além das técnicas e táticas, é preciso entender onde o esporte está inserido, levando em consideração as raízes culturais de cada cenário, pois cada personagem possui sua particularidade e traz consigo seus valores e modos de comportamentos.

Para o ensino do esporte, é importante que as atividades sejam planejadas e sistematizadas dentro de uma metodologia, norteadas por objetivos que fiquem claros e que vão ao encontro das necessidades dos alunos, ampliando suas possibilidades educacionais e culturais, estimulando o senso crítico e desenvolvendo valores.

Paes e Balbino (2009) apontam que o significado do esporte não pode ser reduzido ao ponto de que sua prática fique restrita somente às questões motoras. No mesmo sentido, Reverdito e Scaglia (2009) destacam a importância do esporte no trato com questões que possibilitem o desenvolvimento do aluno de forma plena.

Dentro deste contexto, os projetos sociais esportivos, ao ofertarem o esporte como ferramenta educacional para promover o desenvolvimento de crianças e jovens, devem estruturar seu programa para que sua prática não seja restringida ao desenvolvimento das habilidades motoras, mas também cognitivas e sociais, potencializando, de fato, suas possibilidades educacionais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa foi do tipo descritivo e empregou uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, percepções, crenças, valores e atitudes (MINAYO,1994), tornando possível a descrição, interpretação e análise das compreensões e significados presentes no grupo de participantes da pesquisa.

3.2 SUJEITOS DO ESTUDO

Para a definição dos sujeitos do estudo, foram empregados os seguintes critérios:

- a) Educadores: professor de educação física, de ambos os sexos, que atuassem no projeto de Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana há pelo menos três anos. O período de três anos no projeto foi estabelecido de maneira a garantir que o participante tivesse experiência com a modalidade esportiva e conhecimento dos educandos.
- b) Educandos: participante do projeto de Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana, com idade entre 13 e 17 anos, de ambos os sexos, residente no Bairro Morro do Santana, que frequentasse as aulas do projeto há pelo menos três anos. O período de três anos no projeto foi estabelecido de maneira a garantir que o participante tivesse experiência com a modalidade esportiva e conhecimento dos educadores e dos demais educandos. A idade foi definida de forma que o participante pudesse compreender as perguntas da entrevista, além de maior capacidade de diálogo sobre o tema.
- c) Familiares: um familiar de cada educando entrevistado, com a responsabilidade legal sobre o mesmo.

Cabe destacar que, dos participantes do projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana, foram entrevistados todos os educadores que atendiam ao critério estabelecido. Em relação aos educandos, dez atendiam ao critério estabelecido, sendo todos convidados a participar da pesquisa. Destes, seis aceitaram o convite e realizaram a entrevista. Os educadores e educandos foram identificados por meio da consulta aos registros do projeto disponibilizados pela ACM Morro Santana.

Os quadros 2, 3 e 4 apresentam o perfil dos participantes do estudo.

Quadro 2 – Características dos educandos.

Entrevistado	Idade (anos)	Ano na Escola	Tempo de FUT3 (anos)	Bairro
Educanda 1	15	8º ano	5	Morro Santana
Educanda 2	15	9º ano	6	Morro Santana
Educando 3	15	1º ano do Ensino Médio	6	Morro Santana
Educanda 4	17	2º ano do Ensino Médio	7	Morro Santana
Educando 5	13	8º ano	5	Morro Santana
Educando 6	14	8º ano	4	Morro Santana

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 3 – Características dos educadores.

Entrevistado	Idade (anos)	Tempo de FUT 3 (anos)	Formação Acadêmica
Educadora 1	30	3	Pós-Graduação em Educação Física
Educador 2	30	5	Graduação em Educação Física
Educadora 3	29	5	Pós-graduação em Educação Física

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 4 – Características dos familiares.

Respondente	Idade (anos)	Parentesco com educando	Bairro
Familiar do Educando 1	39	Mãe	Morro Santana
Familiar do Educando 2	40	Mãe	Morro Santana
Familiar do Educando 3	43	Mãe	Morro Santana
Familiar do Educando 4	46	Mãe	Morro Santana
Familiar do Educando 5	36	Mãe	Morro Santana
Familiar do Educando 6	51	Mãe	Morro Santana

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a coleta das informações, utilizou-se entrevistas semiestruturadas e questionários abertos.

3.3.1 Entrevistas semiestruturadas

Foram realizadas no total nove entrevistas semiestruturadas (ver roteiros nos Anexos A e B), com três educadores (duas professoras e um professor de educação física) e seis educandos (três meninas e três meninos). Houve contato prévio com o responsável pelos projetos sociais da ACM para obter autorização para contatar os educandos e educadores, convidando-os a participar da pesquisa (ver documento no Anexo G).

As entrevistas foram realizadas de modo presencial, em dia e horário estabelecidos em comum acordo com os participantes da pesquisa. As entrevistas foram gravadas, utilizando um gravador de voz digital, sendo os áudios posteriormente transcritos. Todos os entrevistados e, no caso dos educandos, também os seus familiares (ou responsáveis legais), foram informados sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexos D e E), concordando em participar da pesquisa.

A escolha por realizar a entrevista semiestruturada deve-se ao fato de que essa técnica permite aos entrevistados falarem livremente sobre os temas abordados, não limitando as respostas às alternativas fechadas. A entrevista semiestruturada parte de questionamentos relevantes à pesquisa, fundamentados pela revisão de literatura, possibilitando a elaboração de novas compreensões. (TRIVINOS, 1995).

Para Boni e Quaresma (2005),

[...] quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes e as respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa.

3.3.2 Questionários

Para os seis familiares, responsáveis pelos educandos participantes da pesquisa, foi aplicado um questionário aberto. Inicialmente, a proposta era realizar entrevistas também com os familiares. Entretanto, todos os familiares trabalhavam durante o dia, inclusive no horário de realização das atividades do projeto Futebol 3 Tempos. Isso acabou por inviabilizar a realização de entrevistas. Desta forma, optou-

se pela aplicação de um questionário (ver Anexo C). Os questionários impressos foram entregues aos educandos, que encaminharam aos seus familiares, junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo F).

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas e aplicação dos questionários, foi realizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2004), interpretando as respostas dos participantes da pesquisa, de acordo com suas respectivas experiências e respeitando a capacidade de verbalização de cada indivíduo (THIOLLENT, 1980).

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para fins de apresentação, análise e discussão das percepções dos educadores, educandos e seus familiares sobre o Futebol 3 Tempos, as informações foram organizadas em cinco categorias, de acordo com os objetivos propostos no trabalho: a) motivos para a prática; b) entendimento sobre os objetivos; c) efeitos da prática; d) desafios e dificuldades enfrentadas; e) oportunidades de melhoria na metodologia.

4.1 MOTIVOS PARA A PRÁTICA DO FUTEBOL 3 TEMPOS

4.1.1 Percepção dos Educandos e Educandas

Na fala dos educandos e educandas, o principal motivo para ingressar e que os faz continuar no projeto Futebol 3 Tempos, é jogar futebol.

O que eu mais gosto é de jogar futebol, por isso gosto mais do segundo tempo. (Educanda 4).

Eu gosto de praticar esportes na ACM, mas principalmente o futebol [...] Mas gosto mais de jogar o Futebol 3 Tempos do que o normal, porque não tem briga. (Educando 6).

A coisa que eu mais gosto de fazer é jogar futebol e na ACM também, por isso eu gosto mais da prática no segundo tempo. (Educando 3).

Embora todos os educandos e educandas reconheçam a importância dos três tempos previstos na metodologia, o momento do jogo, que acontece no segundo tempo, é o que mais gostam.

Além dos motivos destacados acima, são apontados também: aprender a se comunicar em grupo; resolver conflitos sem brigar; desenvolvimento pessoal; aprender a construir e obedecer regras; e aprender a colaborar e a respeitar os outros. Todos estes motivos podem ser constatados nas falas dos participantes da pesquisa, como descrito a seguir:

Eu acho que tem muito da comunicação. É bem importante, eu acho, em jogo, uma comunicação para não haver brigas, conflitos sem necessidade. Eu não sou muito de brigar, mas quando é para falar, eu falo. E eu gosto de ter voz e poder falar. (Educanda 1).

Para ter um jogo tranquilo. Não só para isso. Mas também para aprender mais, se desenvolver mais. Saber mais das regras. Pra mim os principais motivos para participar são a colaboração, o respeito e a maturidade. (Educanda 2).

Essa inclusão que o Futebol 3 Tempos nos traz, que foi o que eu comentei no início. Para as meninas, eu acredito que seja esse o principal motivo. (Educanda 4).

Alguns estudos demonstram que a motivação pode se constituir em importante determinante para iniciar a prática esportiva, justificar sua permanência e minimizar os casos de abandono (CAPRANICA; MILLARD-STAFFORD, 2011; DELORME *et al.*, 2011). Neste sentido, a prática do futebol, associada ao desenvolvimento de competências relacionais parecem desempenhar um papel relevante no ingresso e permanência no projeto de Futebol 3 Tempos.

Como já referido, todos os educandos relataram o gosto pelo futebol, com especial destaque para o segundo tempo, quando podem praticá-lo conforme as regras do Futebol 3 Tempos. Quando questionados se preferiam o Futebol 3 Tempos ou o “tradicional”, somente um educando respondeu que gostava mais do futebol “tradicional”:

Porque o futebol normal é mais rápido. A gente pode jogar mais tempo. Eu gosto mais. (Educando 5).

O futebol, visto a partir de uma possibilidade de ensino/aprendizagem mais ampliada, se diferencia daquele em que o futebol está voltado exclusivamente à prática do esporte. Desse modo, o Futebol 3 Tempos parece reforçar a posição de Souza e Mendes (2013, p. 13) quanto ao objetivo da pedagogia de democratizar valores indispensáveis a formação cidadã, oferecendo a prática do futebol a todos, e, a medida do possível, de forma pedagógica e educacional.

Os demais educandos e educandas, mesmo gostando do futebol “tradicional”, preferem o Futebol 3 Tempos, por entenderem que a atividade proporciona uma maior possibilidade de aprendizado, inclusão e autonomia, como percebemos nos relatos abaixo:

Não gosto de jogar na escola, porque lá os meninos são mais brutos. Eles são bem mais brutos mesmo. Eles sabem que nós queremos jogar, mas somos mais frágeis, mesmo assim chegam forte. Daí, não gosto de jogar assim. Na ACM é diferente, eles respeitam mais. (Educanda 1).

Eu adoro a prática. Só que eu não sei. Parece que tem algo dentro da prática que faz com que o futebol fique mais atrativo. Sabe? Porque na maioria das vezes, as pessoas que jogam Futebol 3 Tempos, gostam mais do Futebol 3 Tempos, do que propriamente jogar futsal. Eu acho que é por causa desse negócio da inclusão, do aprendizado que temos além do jogo. (Educando 3).

Eu prefiro jogar o Futebol 3 Tempos aqui na ACM. [...] Na escola, para jogar futebol, eu tinha que discutir com os meus colegas. E as regras eram deles. Eu não tinha voz. E se a gente tinha que discutir com eles só para estar dentro de quadra, imagina para trazer uma nova ideia e um novo conceito de jogo? Eles não aceitariam nunca. (Educanda 4).

A preferência pelo Futebol 3 Tempos, em especial pelo seu aspecto de inclusão, destacado tanto pelas educandas como pelo educando, evidencia mais uma vez, a utilização da modalidade como um meio para alcançar objetivos, para além da prática do esporte, que contribuirão com o desenvolvimento dos participantes.

4.1.2 Percepção dos Educadores

Para os educadores, o Futebol 3 Tempos auxilia na promoção da inclusão dos educandos e educandas, no empoderamento feminino, além de trabalhar valores como respeito, cooperação e solidariedade. Há também o estímulo ao diálogo, que é fundamental para a vida dos educandos, e ao posicionamento quanto à violência e à desigualdade de gênero. Na percepção dos educadores, as diversas possibilidades de aprendizado e desenvolvimento fazem com que os educandos se motivem para continuar participando das aulas de Futebol 3 Tempos.

Isso pode ser vislumbrado na fala dos educadores que participaram da pesquisa. A educadora 1, que está há 5 anos trabalhando na ACM, destaca o empoderamento feminino como um fator motivacional, principalmente para as educandas, que sempre foram minoria na prática do futebol e, que hoje em dia, em várias turmas já são maioria:

Outra questão é empoderar essas meninas que estão participando da prática. E através desse empoderamento eu já percebo também um deslocamento dos meninos. Então, eu não consigo desvincular uma coisa da outra. (Educadora 1).

O educador 2, que trabalha com o Futebol 3 Tempos na ACM há aproximadamente 5 anos, também destaca o empoderamento feminino, além de outros temas transversais trabalhados nas aulas:

Atualmente, dentro dos temas transversais, o que está mais forte é o empoderamento feminino, porque é justamente o nosso tema gerador, deste ano. Mas além do empoderamento feminino, a gente trabalha outros temas, como cultura de paz e inclusão. (Educador 2).

A participação feminina no futebol parece ser aceita pela sociedade brasileira, mas ainda não ganhou espaços de reconhecimentos equivalentes ao futebol masculino, ou mesmo ao futebol feminino em outros países (TEXEIRA, 2013, p. 266).

O futebol feminino ainda não desfruta das mesmas condições de perceptividade e do mesmo reconhecimento social comparado ao futebol masculino, devido a relações de confrontos de gênero, decorrentes da inserção da mulher no espaço esportivo, certamente considerado como masculino (FRANZINI, 2005).

O Futebol 3 Tempos busca trabalhar a igualdade de gênero por meio de uma metodologia na qual meninos e meninas jogam juntos e têm os mesmos direitos e deveres, desde a construção das regras até o momento de reflexão para avaliar se as mesmas foram cumpridas.

A gente tem feito conversas e retomadas, tentando sempre trabalhar nessa questão do lugar de fala, para que as meninas consigam se expressar, o que sentem nos momentos de jogo. E também não só os meninos aceitarem, mas conseguirem acolher o que elas estão demandando. Então acho que é através do diálogo, através do terceiro tempo, onde a gente tem um momento para refletir sobre tudo que aconteceu no jogo ou também – que algumas vezes acontece – o que vem acontecendo durante o atendimento. (Educadora 1).

O educador 2 também traz na sua fala a importância do diálogo neste processo:

A questão principal e norteadora da metodologia – na minha opinião – é o diálogo. Então tu precisa fazer um primeiro tempo com tempo, com calma. De preferência, sentado, olhando no olho de cada um, podendo parar, ouvir; tendo ordem, para a pessoa levantar a mão, expressar a sua ideia. Enquanto mediador, escutar, acolher a ideia deles, levar para o grande grupo, para ver se todos acolhem. (Educador 2).

A fala acima, em que o educador destaca a importância do primeiro tempo, é ilustrada na foto 1 (ver Anexo I), na qual o mediador e os educandos estão criando os acordos e as regras do jogo. Já a foto 3 (ver Anexo I) retrata o momento do terceiro tempo, em que os participantes voltam a se posicionar em um círculo, todos sentados, para a avaliação do jogo e pontuação conforme os acordos estabelecidos, além da possibilidade de expressarem seus sentimentos relacionados à partida.

Assim como os educandos relataram, na visão dos educadores, a prática do futebol acaba sendo o principal atrativo para que participem das aulas:

Acredito que a possibilidade de ter mais um período de futebol é o principal atrativo, mas também acho que as meninas enxergam uma oportunidade de elas mostrarem o seu valor e potencial na prática. (Educador 2).

Já para a educadora 3, que também trabalha no projeto há 5 anos, os motivos que levam os educandos e educandas a participarem do projeto de Futebol 3 Tempos vão além da prática em si, e estão relacionados à garantia de um espaço seguro, inclusivo e que possa gerar boas oportunidades:

A garantia de um espaço de acolhimento e com estrutura para prática esportiva, além de um lugar onde eles podem estar jogando futebol entre amigos, um espaço de escuta, oportunidades de participar de festivais, viagens e eventos que contemplem a metodologia. (Educadora 3).

Como a educadora acima relata, através da prática do Futebol 3 Tempos muitos

educandos tiveram oportunidades de participar de eventos regionais, nacionais e internacionais, possibilitando intercâmbio cultural e oportunidade de conhecer outros projetos sociais que também oferecem o Futebol 3 Tempos. As fotos 2, 3 e 4 (ver Anexo I) representam algumas das participações dos participantes dos projetos sociais da ACM-RS em eventos de Futebol 3 Tempos fora de sua sede.

4.1.3 Percepção dos Familiares

Para as familiares, os principais motivos estão relacionados ao gosto de jogar futebol e praticar esportes, a convivência com os amigos, a possibilidade de se expressar, o vínculo e bom relacionamento com os educadores que atuam no projeto, as oportunidades de passeios, além da confiança no trabalho realizado pela ACM Morro Santana:

Ela gosta muito de jogar futebol e vê no Futebol 3 Tempos uma possibilidade de se expressar (Familiar 1).

Acho que participa mais porque gosta de futebol e pelos amigos e professores que tem na ACM (Familiar 2).

Ele continua participando por causa do trabalho desenvolvido pelos profissionais, pois estão sempre buscando novas atividades de acordo com os interesses dos alunos (Familiar 3).

A ACM é um lugar confiável onde ele sempre pode ficar em segurança no turno inverso da escola enquanto eu trabalho [...] além de o futebol ser o esporte favorito dela (Familiar 4).

Dentre estas situações, alguns autores citam casos em que os pais trabalham o dia todo fora de casa, enquanto os filhos estudam somente em um turno. Por isso a importância dos projetos sociais no contra turno escolar, como espaços de acolhimento e aprendizado para estas crianças e jovens. (STIGLITZ; SEM; FITOUSSI, 2012). Esta posição recebe sustentação na posição de alguns familiares.

Ele participa para preencher o tempo com atividades esportivas e conviver com amigos, gosta de praticar esportes. Ele continua participando durante todos esses anos pela integração com colegas e bom relacionamento com os professores. (Familiar 5).

O que ele mais adora é o futebol, mas ele participa também para não ficar sozinho em casa e por se sentir bem acolhido na ACM. O que faz ele se manter no projeto é a motivação dos professores, o futebol e os passeios. (Familiar 6).

De acordo com Cavalieri (2007), a organização social do tempo é elemento que, a um só tempo, reflete e integra as formas organizacionais mais amplas em uma sociedade, servindo, assim, como pilar para o arranjo da vida em família e da

sociedade de um modo geral. Além disso, de acordo com Oliveira e Perim (2009), os pais têm a segurança de saber que seus filhos estarão sob a tutela de profissionais educadores, deles recebendo alimentação, esporte e orientações adequadas.

Pode-se concluir nesta categoria que, segundo a percepção dos educadores, educandos e seus familiares, os motivos para a prática do Futebol 3 Tempos tem relação direta com o entendimento de que o próximo deve ser tão importante quanto si mesmo. Segundo o que se percebeu das entrevistas, não somente os educandos estão aprendendo, os educadores também aprendem, desenvolvendo-se não só como mediadores, mas também enquanto cidadãos, através dos valores trabalhados e transmitidos, gerando um aprendizado mútuo.

Como motivos de participação nas aulas, os entrevistados ainda destacam o aceite da inclusão de gênero no meio do futebol, não levando esta inclusão para uma posição conflitante, mas para uma posição de entendimento. O empoderamento feminino está ocorrendo em diferentes esferas da sociedade e no futebol não é diferente.

Embora os entrevistados relatem motivos relacionados aos objetivos previstos no projeto Futebol 3 Tempos, fica claro que a principal motivação para participação dos jovens ainda é o gosto pela prática do futebol, o que pode se tornar positivo se considerarmos a participação de cada vez mais educandos. Porém, os educadores têm papel fundamental no projeto, trabalhando a prática do jogo como meio e não como fim.

4.2 ENTENDIMENTO SOBRE OS OBJETIVOS DO FUTEBOL 3 TEMPOS

4.2.1 Percepção dos Educandos e Educandas

De fato, os educandos e educandas destacam, através de suas falas, que os principais objetivos que eles/elas percebem do Futebol 3 Tempos são: aprender princípios de inclusão e *fair play*, respeitar o próximo, se desenvolver como pessoa, estabelecer e respeitar as regras, agir com justiça e ética, respeitar a diversidade e as diferenças e utilizar todo esse aprendizado para vida.

Pode-se, portanto, destacar que o relato dos entrevistados estabelece que estes objetivos estão sendo conquistados, como pode ser visto:

Há muita inclusão... Além de outros princípios também como *fair play*.
(Educanda 1).

Respeitar os colegas que estão jogando, o mediador. Aprender que

todo mundo tem que saber jogar.... Para saber aprender mais, se desenvolver mais... (Educanda 2).

A gente aprende a lidar com a diversidade das pessoas. Mas tem outra palavra que é muito do Futebol 3 Tempos, que é inclusão. Tudo que a gente aprende aqui no Futebol 3 Tempos, a gente leva para outras partes. (Educando 3).

Eu aprendo que o jogo tem que ter umas regras tipo, para deixar o jogo mais justo com os dois times. Uma coisa muito interessante. Que a gente aprende a lidar com a diversidade das pessoas. (Educando 5).

O que faz sentido é... Deixa-me ver. Eu acho que é a ética mesmo. O professor está sempre falando que a ética é mais importante. Sempre falar a verdade. (Educando 6).

Segundo a rede Streetfootballworld (2016), o objetivo deste esporte educativo é utilizar a prática do futebol a fim de propiciar um espaço para aprendizagens, principalmente no nível das competências relacionais, como: reconhecimento do outro, respeito às diferenças, convívio em grupo e resolução de conflitos.

A educanda 1 traz no seu relato o exemplo de intolerância na prática do futebol, que, inclusive, deu origem ao desenvolvimento da metodologia do Futebol 3 Tempos praticada no mundo todo:

E ele errou, ele fez um gol contra. E isso... todos somos seres humanos. Erramos. E assassinaram ele por uma coisa boba. E isso para o futebol... ainda mais eu, menina. Que é muito difícil. Muito difícil. Eu gostei bastante do Futebol 3 Tempos. Eu nunca pensei que fosse jogar bola. E ainda mais, jogar com os meninos. Eu não jogava. Se eu jogava, eu jogava com o meu sobrinho, em casa. Jogava com a minha amiga, com as filhas do meu cunhado. Mas isso me ajudou bastante, o futebol, para mim. (Educanda 1)

4.2.2 Percepção dos Educadores

Na visão dos educadores, os objetivos do Futebol 3 Tempos são os seguintes: trabalhar a competitividade de forma positiva, ou seja, reduzir a competitividade para que ela não se torne o foco, também objetiva a questão relacionada ao gênero, a questão das habilidades, o favorecimento ao diálogo, o respeito as regras mesmo não tendo árbitro, a troca de ideias, o recebimento amigável de críticas, a valorização do ser humano, a construção do senso crítico, para que eles saibam diferenciar o certo do errado.

Estes objetivos podem ser constatados na fala dos educadores, como pode ser visto:

Na minha opinião, o principal objetivo é conseguir trabalhar de uma melhor forma a competitividade. Digo, reduzir essa competitividade é

o objetivo principal. E é o momento em que os nossos trabalhos, eu acho que se conectam. Entendo que além de trabalhar essa questão da competitividade, o Futebol 3 Tempos, tem outros objetivos. Por exemplo: as questões de gênero; que são mais minha área. A questão de habilidades e tudo mais. (Educador 1).

Buscar outros significados para competir e reduzir a exclusão, destacando os valores, conforme mencionado pelos educadores, também é um princípio do esporte educacional, que surgiu com a finalidade de democratizar o esporte e evitar a exclusão e a competitividade exacerbada no rendimento. Tubino (2001, p. 38) destaca que deve ser “evitada a seletividade, a segregação social e a hiper-competitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária”.

O educador 2 destaca que o fato de não ter árbitro na prática do Futebol 3 Tempos acaba favorecendo para que aumente as responsabilidades dos participantes. Também destaca como objetivos, as possibilidades de dialogar e valorizar o próximo, promovendo sempre os valores e o *fair play*:

Então eu destaco assim, a questão de não ter árbitro, de responsabilizar os participantes como um ponto muito positivo. Um ponto muito forte. Segundo: a questão do diálogo. Eu sou bem pacifista. Então eu acredito que a questão de conversar, trocar ideias, aceitar as críticas, isso faz a metodologia funcionar também de uma maneira bacana. A questão também de tu aprenderes a dar valor, não para habilidade, mas para a qualidade das pessoas que estão à tua volta. E aí eu digo: qualidade de serem pessoas íntegras, que têm bons comportamentos. Pessoas que sabem respeitar, escutar, participar de uma maneira efetiva, sem diminuir ninguém. Porque o que vale é o *fair play*, o que vale são os valores. Para mim os objetivos estão voltados para a valorização do ser humano, para que ele possa crescer integralmente, também como eu disse anteriormente, questão de corpo, alma e mente. Trabalhando corpo, trabalhando bola. Trabalhando alma e mente: que tu tens que pensar o jogo, tens que respeitar as pessoas. Então tu acabas agregando valores, melhorando e evoluindo enquanto ser humano, desenvolvendo valores como: respeito, cooperação, solidariedade. Formação integral do ser humano. (Educador 2).

Paes e Balbino (2009) apontam que o significado do esporte não pode ser reduzido ao ponto de que sua prática fique restrita somente às questões motoras. No mesmo sentido, Reverdito e Scaglia (2009) destacam a importância do esporte no trato com questões que possibilitem o desenvolvimento do aluno de forma plena.

Já para a educadora 3, o principal objetivo é contribuir para o senso crítico dos participantes, porém, para alcançar esse objetivo é importante que o educador estimule o jovem a se posicionar:

Mas hoje eu acho que conseguir abordar outros temas como: desigualdade de gênero, a violência, violência de todas as formas.

Tem sido algo bastante construtivo nas práticas. Então eu acredito que o principal objetivo usando de uma forma mais a fundo, além do jogar, do se divertir, de comemorar o gol, eu acho que é contribuir para o senso crítico dessas crianças e desses adolescentes. Mas o objetivo em si, ele só é alcançado quando conseguimos fazer com que o aluno se posicione diante dos fatos ocorridos durante o jogo ou que venham a surgir durante a discussão, por exemplo. Entrando nesses temas transversais que a gente já falou; como a violência, desigualdade de gênero e aí por diante. (Educadora 3).

É importante entender a educação como um processo no qual se desenvolvem ações comunicativas. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, pela reflexão crítica (KUNZ, 2010, p.31).

4.2.3 Percepção dos Familiares

Para as familiares, o Futebol 3 Tempos tem como principais objetivos preparar os educandos para o futuro, contribuir com a diminuição das desigualdades e do preconceito, respeitar e incluir o próximo, principalmente as meninas, além de ensinar valores para os seus filhos.

Vejo no Futebol 3 Tempos na ACM uma possibilidade de um futuro para minha filha. (Familiar 1).

Contribui para que tenha menos desigualdade de gênero e respeito ao próximo. (Familiar 2).

O Futebol 3 Tempos aproxima mais as pessoas, incluindo todos e favorecendo a união, sem discriminação e preconceito. (Familiar 3).

Ela sempre gostou de futebol, mas sempre comentava que o Futebol 3 Tempos trabalhava com muita inclusão, principalmente das meninas na prática do jogo. Eu acredito que o Futebol 3 Tempos possa auxiliar de uma forma positiva outras crianças e adolescentes, assim como auxiliou no desenvolvimento da minha filha, pois não se trata apenas da prática do futebol, mas de todos os valores que são ensinados. (Familiar 4).

Acredito que ele gosta do Futebol 3 Tempos porque oportuniza a participação de todos. (Familiar 5).

Ele comenta que no Futebol 3 Tempos podem criar suas próprias regras e é mais justo com todos. (Familiar 6).

Referente à possibilidade de criação das próprias regras, relatada pelo familiar 6, além do fato do Futebol 3 Tempos não prever a presença de um árbitro, faz com

que as responsabilidades sejam transferidas para os educandos, o que Tubino (2007), caracteriza como princípio da corresponsabilidade, fazendo com que os jovens se responsabilizem por suas decisões, como adaptação das regras, medidas organizativas, etc.

O que se conclui nesta categoria, segundo a percepção dos participantes da pesquisa, é que o Futebol 3 Tempos objetiva a busca pelo respeito mútuo a partir do *fair play*, destacando que vencer não é o foco e sim o desenvolvimento pessoal através do aprendizado e do autoconhecimento. Objetiva também não fazer distinção entre meninos e meninas, pois todos tem os mesmos direitos e deveres. A oportunidade de ser justo em um jogo em que não há árbitro, expõe o objetivo de entender e aplicar as regras que podem e devem ser levadas para fora da quadra. Além disso, foi perceptível nos relatos que o Futebol 3 Tempos busca a valorização do ser humano e o entendimento do que é certo e do que é errado.

4.3 EFEITOS DA PRÁTICA DO FUTEBOL 3 TEMPOS

4.3.1 Percepção dos Educandos e Educandas

A partir das entrevistas, foi possível identificar que, na percepção dos educandos e educandas, a participação no projeto Futebol 3 Tempos tem efeitos positivos em suas vidas. Neste sentido, eles/elas destacam: a desinibição, o entendimento de que são participantes da sociedade, o respeito, a melhora do convívio com a família e com os amigos, a sua própria inclusão e a inclusão de outros, o sentido de igualdade entre meninos e meninas, a liderança, a aceitação de regras, o compartilhamento, o falar a verdade, o saber resolver conflitos através do diálogo, a ser solidário com os demais e aceitar os seus erros, a melhora no comportamento, a ter mais controle sobre si mesmo, a se expressar e também a escutar, além de levar os valores aprendidos no projeto para a vida, como respeito, solidariedade e cooperação.

De fato, estas percepções podem ser captadas nas diversas falas dos entrevistados:

Porque eu não falava. Eu era tímida. Eu comecei a me soltar depois, mas eu era bem tímida. Eu não falava. Eu comecei a falar mais abertamente assim, foi pelo futebol. (Educanda 1).

A jovem de 15 anos, que participa das aulas de Futebol 3 Tempos há 5 anos, destaca, além do fato de se tornar uma pessoa mais extrovertida, a possibilidade de incluir todos os participantes durante o jogo, algo que também foi relatado na

entrevista com a educanda 2, que pratica o Futebol 3 Tempos desde os 9 anos de idade.

Porque Futebol 3 Tempos é para todos, igualdade a todos. Eu acho que futebol é bem importante para a nossa vida. Tanto no espaço que tu está jogando, quanto fora. A gente aprende bastante. (Educanda 1).

É esse negócio da inclusão. Daí a gente aprende a lidar com as outras pessoas. A gente aprende a incluir. A gente aprende com as outras pessoas. A gente não gosta de deixar as outras pessoas de fora. A gente acaba não se sentindo bem... (Educanda 2).

O protagonismo dos jovens participantes de projetos sociais, constitui um importante contraponto à violência e exclusão social, contribuindo para o desenvolvimento dos mesmos e direcionando-os a reconstrução de valores éticos, como de solidariedade e responsabilidade social (ABRAMOVAY *et al.*, 2002).

Já para o jovem de 15 anos, que está há 9 anos na ACM Morro Santana, o maior benefício é a possibilidade de praticar tudo que aprende com o Futebol 3 Tempos fora do projeto também, no seu cotidiano:

Faz parte da nossa vida, muitas vezes. Porque às vezes tu quer que alguém jogue, tu quer participar desse momento. Tu quer que alguém seja incluso na tua vida, assim. Sabe? Eu acho que é muito fácil de sentir isso. De praticar isso fora da ACM, fora do Futebol 3 Tempos. Vira automático. Vira do cotidiano, às vezes... (Educando 3).

A fala acima do educando vai ao encontro da citação utilizada por Freire (2013), na qual destaca a importância de utilizar o futebol ou alguma outra modalidade esportiva como meio para formar cidadãos para vida. “Queremos que, aprendendo futebol, aprendam a ir além disso, que aprendam para a vida, que aprendam conhecimentos que repercutam em outras situações de vida e conduzam à cidadania. A vida é o plano maior, é a meta.” (FREIRE, 2013).

A entrevistada abaixo, de 17 anos, acredita que tenha desenvolvido uma liderança positiva através das aulas de Futebol 3 Tempos:

É. Depois que deixei de ser grossa, eu comecei a incentivar sim. Eu vi que eu era uma liderança positiva, que podia fazer aquilo para o bem dos meus colegas e para mim mesma. E aí eu incentivava. Se ia acontecer alguma coisa com uma pessoa muito tímida, eu a incentivava a falar. Tu tem que te expor. Não de uma forma ruim. Mas tem que falar o que sente para que esse jogo realmente tenha sentido. Eu sempre julgava muito as coisas e as pessoas. E sempre avaliava o meu lado e não o dos outros. Os outros que se virem. E eu aprendi que não é assim que funciona. Eu sempre tive uma liderança. Só que antes de começar a jogar o Futebol 3 Tempos, eu usava essa liderança para uma coisa ruim. (Educanda 4).

A educanda 4, a mais antiga entre os educandos, com 7 anos de participação

no projeto Futebol 3 Tempos, também traz situações durante o jogo onde aprendeu a desenvolver o autocontrole, a empatia e o respeito com os professores e colegas:

Na verdade, eu aprendi num primeiro momento, a respeitar. A conter minha raiva. Porque qualquer palavrão ou desrespeito cometido com um professor ou com um colega era descontado. Então, esse foi o principal objetivo que consegui alcançar. Era conter minha raiva do que acontecia no jogo. Ah, eu acho que me solidarizar, assim. Porque quando alguém caía, o da frente ia lá para ver se a pessoa estava bem, quando tu entrava em um choque, enfim, se ia cabecear ou se a pessoa chutava o teu pé sem querer. Não pensar só do teu lado. Tipo: eu sentia dor. Mas talvez a pessoa possa sentir mais dor que eu. Eu acho que é a compreensão dos fatos. E a solidariedade com as outras pessoas. (Educanda 4).

Além das situações relatadas acima, a estudante do 2º ano do Ensino Médio, destaca a melhora na relação com sua mãe e seus familiares, no momento em que entendeu a importância de escutar as outras pessoas também:

E a gente brigava. Porque eu não sabia ouvir ela e ela não sabia me ouvir. E aí eu levei muito disso para casa. E tanto eu quanto ela, a gente conseguiu absorver. Porque era a opinião de todo mundo ali. Que a partir de um certo tempo jogando o Futebol 3 Tempos, tu aprende a dar a palavra para os outros. Tu tem o teu momento de fala e tem o momento que tu tem que escutar o que os outros estão falando. (Educando 4).

O jovem de 14 anos, com 4 anos no projeto Futebol 3 Tempos, também relata melhora no relacionamento com os seus amigos e familiares:

Eu brigava muito. Em casa também, com os meus familiares, agora eu parei. (Educando 6).

Já o educando 5, embora seja o mais jovem entre os entrevistados, participa das aulas na ACM Morro Santana há 5 anos. Na sua percepção, todos devem ter a oportunidade de jogar e, independente se for menino ou menina, o jogo deve ser sempre justo:

Eu aprendo que o jogo tem que ter umas regras, tipo, para deixar o jogo mais justo com os dois times. Porque se não tiver as regras o jogo pode ser menos justo. Eu aprendo que não importa se é menino ou menina, pode jogar junto. Porque todo mundo tem as mesmas habilidades. É só desenvolver. (Educando 5).

Na mesma linha, os educandos 3 e 6 relatam o fato de o Futebol 3 Tempos possibilitar a inclusão das meninas no jogo:

Daí eu percebia que não passavam muito a bola para elas. E isso eu acho que foi falta dessa prática. Porque eu sentia falta disso. Entende? Eu sentia falta de as pessoas receberem mais a bola. Esse... esse... como eu posso dizer? Essa inclusão. (Educando 3).

Eu aprendo a respeitar os outros. Eu também gosto mais de passar para as gurias, que elas não recebem a bola e reclamam. Quando está

no meu time eu boto elas em primeiro lugar sempre. Eu passo a bola para elas. Não importa o que aconteça. Se a gente perder ou não. (Educando 6).

4.3.2 Percepção dos Educadores

Na percepção dos educadores, são vários os efeitos da participação no projeto de Futebol 3 Tempos, para os educandos e educandas. Para os educadores, o Futebol 3 Tempos, além de fazer com que os alunos se envolvam com a prática esportiva, também auxilia nas questões comportamentais, o que por sua vez reflete na comunidade em geral. A participação no projeto proporciona também aos educandos a possibilidade de assimilarem valores, entenderem o seu papel na sociedade e a responsabilidade que eles têm enquanto cidadãos. Além disso, acreditam que o Futebol 3 Tempos desenvolve o autoconhecimento dos jovens, o protagonismo e representatividade em muitos aspectos da sua vida.

Alguns efeitos destacados nas entrevistas dos educandos também apareceram nas respostas dos educadores, como saber se colocar no lugar do outro, obter controle emocional, desenvolver a autonomia e o exercício do diálogo. Os educadores ainda acreditam que a comunidade se beneficiará em muito quando estes educandos se tornarem adultos.

A fala dos entrevistados expressa estes sentimentos:

A gente é responsável por certas atitudes. A gente sente na pele – e realmente na pele – pensando na prática esportiva mesmo. E além de tudo eu acho que o Futebol 3 Tempos, ele não te faz só sentir. Ele te faz refletir sobre essas sensações. Eu acho que sobre o impacto que ele tem na comunidade em geral, nos educandos que são praticantes é essa questão comportamental. O quanto eles conseguem assimilar determinados valores, comportamentos, para que aquilo dê certo e se sentirem responsáveis, protagonistas das ações. Tanto para ações positivas, quanto negativas, em que eles precisam se responsabilizar. Os educandos também reconhecem como um método que dá diferentes possibilidades de autoconhecimento, de protagonismo, de representatividade. Para mim é isso. (Educadora 1).

O esporte como instrumento educacional, utilizado como ferramenta para a inclusão social propicia o desenvolvimento integral dos jovens, pois além de promover benefícios físicos, também contribui positivamente no papel da sociabilização (MEYER, 2007).

Então nós temos casos de educandos que, a partir da prática, passam a mudar o seu comportamento, respeitando, entendendo, diminuindo a agressividade, competitividade. Bom, primeiro: eu acredito sim na contribuição da prática do Futebol 3 Tempos para os educandos. Acredito sim que há um impacto social que ainda a gente não consegue mensurar. Mas já dá para ter noção. Pois o impacto direto

na vida dos educandos é a questão do controle emocional e do desenvolvimento de valores. Ele acaba se tornando mais humano, se importando mais com os colegas, desenvolvendo alguns valores, como a empatia, que é algo interessantíssimo, de poder se colocar no lugar do outro, que está chegando também. Mais adiante, eu acredito que dentro da comunidade, daqui uns cinco ou dez anos, a gente já vai ter uma comunidade menos conflituosa. (Educador 2).

De acordo com Tani (2007), o esporte seria concebido como uma atividade humana, atuando no desenvolvimento integral do ser humano para sua socialização, sua saúde e o desenvolvimento da autoestima para a formação da cidadania.

Já a educadora 3 destaca os benefícios relacionados aos três tempos, como as possibilidades de os mesmos definirem as regras e de serem trabalhados temas transversais a partir da prática do futebol:

Então, eu considero como pontos positivos os participantes poderem escolher a forma como eles querem jogar. O jogo sem juiz também, que, querendo ou não, dá autonomia para eles resolverem os problemas que possam surgir durante o jogo. A forma como o jogo é decidido também no terceiro tempo, levando em consideração o melhor time no fair play. A possibilidade de trabalhar temas transversais. A possibilidade de jogo misto. (Educadora 3).

Os temas transversais, citados acima pela educadora, são trabalhados a partir de manuais desenvolvidos pela rede Streetfootballworld (ver Anexo J). Estes manuais servem como norteadores para os educadores planejarem suas atividades nas aulas de Futebol 3 Tempos (ver modelos de aula no Anexo K), utilizando temáticas sociais relevantes, como inclusão de gênero, violência, saúde, meio ambiente, cidadania, entre outros.

De acordo com Darido (2012), os temas transversais se originam de problemas sociais que surgem e que precisam ser discutidos em caráter emergencial. Esses temas precisam ser cruzados de forma que sejam abordados de acordo com a realidade social e atual de cada grupo.

4.3.3 Percepção dos Familiares

Em relação aos familiares, é possível perceber que todos reconhecem alguns efeitos da prática do Futebol 3 Tempos. Como destaque, os familiares relatam que seus filhos e filhas melhoraram no convívio em grupo, tornando-se mais participativos e colaborativos, melhorando na comunicação e no modo de se expressar, no comportamento, na postura e forma de agir, além de perceberem melhora na educação e disciplina, tanto no projeto quanto na escola.

Minha filha está mais participativa, convivendo mais em grupo e colaborando com os demais, além de ter melhorado o desempenho... (Familiar 1).

Ela está mais estável e compreensiva, além de respeitar mais as pessoas. (Familiar 2).

Considero que hoje meu filho é uma pessoa mais extrovertida, fala e se expressa mais. Hoje ele consegue se relacionar de forma mais clara com as pessoas, sem ter tanta vergonha como tinha. (Familiar 3).

Minha filha frequentou durante muitos anos o Futebol 3 Tempos na ACM, auxiliou muito no seu desenvolvimento, principalmente na comunicação. Houve uma grande mudança de comportamento, uma melhora muito grande. Ela está conseguindo conter mais as emoções, pois ela era muito brava, se irritava com tudo e com a prática do Futebol 3 Tempos ela aprendeu a lidar melhor com isso. (Familiar 4).

Percebo uma evolução na questão da comunicação, forma de agir e postura. (Familiar 5).

Acredito que ele evoluiu na questão da disciplina e da educação. Desde que começou a participar se tornou um adolescente mais calmo e com mais disciplina, tanto em casa como na escola. (Familiar 6).

Nesta categoria o que se conclui é que, segundo a percepção dos educadores, educandos e dos seus familiares, os efeitos gerados pelo Futebol 3 Tempos para os participantes, dizem respeito a estes se sentirem mais confortáveis para viver em sociedade, pois não somente aprendem a respeitar como também são respeitados por isso. Mesmo com todas as vulnerabilidades e dificuldades existentes no bairro onde vivem, os jovens buscam disseminar os valores aprendidos no projeto, ou seja, zelar pelo próximo, ser honesto, aprender a respeitar regras, entender as diferenças, desenvolver habilidades, falar a verdade, aceitar os seus erros e buscar a melhora dos mesmos.

A prática do autoconhecimento é um dos grandes benefícios do Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana, pois, segundo os participantes da pesquisa, é através do conhecimento de si mesmo que os educandos poderão entender como são, encontrarem seu papel na sociedade e serem cidadãos ativos e protagonistas de suas próprias vidas.

O Futebol 3 Tempos busca utilizar o futebol, esporte mais popular do mundo, como uma ferramenta para promover o desenvolvimento dos jovens participantes, trabalhando valores e princípios como respeito, solidariedade, igualdade de gênero, autonomia e trabalho em equipe. As respostas dos participantes, mesmo com visões distintas dos atores envolvidos, evidenciam efeitos que estão associados aos

objetivos do Futebol 3 Tempos, nas percepções de quem vivencia na prática, como jogador ou mediador e de quem acompanha no dia a dia como familiar. Benefícios estes, muito semelhantes aos promovidos pelo esporte educacional, destacados por Tubino (2007), como princípios socioeducativos de inclusão, participação, cooperação, coeducação e corresponsabilidade.

4.4 DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS NO FUTEBOL 3 TEMPOS

4.4.1 Percepção dos Educandos e Educandas

Na fala dos entrevistados é possível identificar que há desafios e também dificuldades na prática do Futebol 3 Tempos. É possível entender, tanto pela fala dos educandos, como das educandas, que eles consideram desafiador a questão da inclusão, já que a diversidade ainda não está sendo bem aceita por todos os participantes.

Durante a prática, a questão da competitividade ainda é relevante, e, com isso, muitas vezes as meninas são deixadas de lado no momento do jogo, porque os meninos não querem perder a partida, e entendem que podem ser prejudicados se jogar com elas, assim como aqueles meninos que são considerados como menos habilidades técnicas. Esta não aceitação pelo que se apresentou é, de fato, o maior desafio e a maior dificuldade tanto para o educador quanto para o educando seja menino ou menina.

Além das questões referentes à alta competitividade, também são relatados como desafios conseguir levar para outros ambientes os ensinamentos trabalhados durante as aulas de Futebol 3 Tempos.

Estas dificuldades e desafios ficam bem elencados quando se observa as falas dos entrevistados:

Eu jogo porque eu gosto mesmo. Porque... para eles: ah, é menina. Para eles sempre é assim, sempre foi na base do machismo. Nunca se conscientizaram. E elas não falam para não ter que discutir, coisa assim. Para não ter que entrar em atrito com os guris. (Educanda 1).

Dificuldades. Eu não me adaptava muito bem com a turma. Não sabia tipo, concorrer junto com eles. Sabe? Me desenvolver junto com eles. Porque praticamente eles já estavam há mais tempo aqui. Então, eles já sabiam bem mais do que eu. Aí foi isso. Sim. Não joga para ela lá. Ela é mulher. Ela vai errar. (Educanda 2).

Em vários países, as mulheres enfrentam discriminação, violência, educação limitada e são dependentes economicamente. Frequentemente, elas crescem sem

autoconfiança e o conhecimento que precisam para assumirem o controle de suas próprias vidas, e muitas não têm a oportunidade de participar e jogar futebol. Colocando tanto meninos quanto meninas para jogarem juntos engajados no diálogo, o Futebol 3 Tempos busca transmitir aos jogadores que todos são igualmente importantes, não somente no campo, mas também na vida (MANUAL DO FUTEBOL3, 2016).

O educando 3 relata que as maiores dificuldades estão relacionadas ao fato de aceitar a diversidade e incluir todos os colegas durante a prática do jogo, pois ainda existe muita competição nas aulas:

Eu acho que foi esse negócio da diversidade e da inclusão. Que é difícil, às vezes, porque muitas pessoas não têm certas habilidades de jogar futsal ou futebol. Daí fica difícil a gente, no começo, tentar incluir. Passar mais para ela poder desenvolver. É difícil às vezes. Sabe? Às vezes a gente quer só ganhar. A gente só quer ganhar. Daí a gente acaba... eu acho que essa foi a minha maior dificuldade. Foi ver que as outras pessoas também precisavam jogar. Porque ainda, querendo ou não, a gente é competitivo. A vontade de ganhar, às vezes, é muito maior. (Educando 3).

A educanda 4 também traz as mesmas dificuldades das demais participantes, o fato de no início não ser aceita no jogo pelos meninos:

[...] normalmente eram os meninos que jogavam futebol. Eles escolhiam os times. E o que mais acontecia, é que as meninas ficavam por último para serem escolhidas. Senão, quando uma menina ia jogar, eles a xingavam até ela desistir. Tu não sabe jogar. Poxa, corre. Está no jogo para quê? Para ficar parada? Eram por coisas mínimas, mas que tu percebia que poderia piorar. É isso que eu percebia. (Educanda 4).

Referente à valorização das mulheres no futebol, o educando 3 traz uma reflexão sobre o tema:

Hoje em dia, as mulheres não são muito valorizadas no futebol. E com isso, não tem muito incentivo dos pais para jogar. Que nem esses dias, eu ouvi uma frase: que os meninos, eles nascem chutando uma bola. Entende? As mulheres não têm esse incentivo, muitas vezes, dos pais, para serem jogadoras. Entendeu? E fica mais difícil de elas conseguirem dominar mais essa área, jogar melhor. Entende? Aí é tudo uma questão de prática. Daí quanto mais prática, mais... melhor elas jogam. Muitas vezes isso aconteceu, por isso que muitas mulheres não... muitas meninas que jogavam com a gente, não jogavam por causa dessa situação. Elas tinham medo, assim, tipo, de ficar e não passavam muito a bola para elas. Porque elas não jogavam tão bem. E eu acho que é isso. (Educando 3).

Historicamente, a presença das mulheres no esporte sempre foi um grande desafio, principalmente no futebol. Quando vemos a história do futebol feminino no Brasil, percebemos a grande dificuldade que esta modalidade sempre enfrentou. No

Estado Novo (governo Vargas de 1937 a 1945), por exemplo, foram criadas leis, inclusive na área esportiva, inseridas em um contexto de controle, com uma grande pressão para que as mulheres se afastassem do futebol (MARTINS, 2007).

Algumas regras e estratégias foram criadas para incluir mais meninas durante as aulas, porém, é importante que seja trabalhado o verdadeiro sentido de inclusão e diversidade, com o objetivo de valorizar a importância feminina no futebol.

Tipo, as professoras fazem um time e pedem para os guris passarem a bola. Por isso que daí a gente sempre tem uma regra: a bola tem que passar por uma guria para fazer o gol. Daí os guris passam mais a bola por causa dessa regra. (Educando 5).

A educanda 4, que está na ACM Morro Santana desde os sete anos, relata algumas dificuldades no comportamento dos alunos, mas, segundo a mesma, hoje em dia já se percebe uma melhora:

Ah, eu acho que no início todo mundo se comportava dentro da quadra. E aí depois, quando saía se perdia. E aí foi quando começou a ficar um pouco mais rigoroso, digamos assim. Que aí se tu não te comportasse no atendimento em outras aulas, tu não poderia participar do Futebol 3 Tempos. E aí a gente conseguiu ver uma melhora no comportamento dos educandos. Porque era bem difícil. A gente entrava na quadra, participava do Futebol 3 Tempos. E a gente ia para a aula de pedagogia – que quase ninguém gostava – e aí virava um auê. Tudo que a gente aprendia no Futebol 3 Tempos se perdia em outra sala de aula. E aí eu avalio que demorou. Demorou bastante para sair da quadra tudo que a gente aprendia. Mas foi eficaz com o tempo. (Educanda 4).

4.4.2 Percepção dos Educadores

Quanto às dificuldades e desafios, os educadores se mostraram preocupados com a questão da inclusão, pois alguns participantes têm maiores habilidades motoras, enquanto outros têm mais dificuldades. Também trouxeram a questão da “mecanização” do jogo, da dificuldade em se criarem regras que agreguem para a prática. A tentativa de burlarem as regras pelo fato de não ter um árbitro também aparece como uma dificuldade, pois alguns acabam tirando proveito da situação com o objetivo de vencer a partida.

Os educadores também se veem com um desafio muito grande na figura de mediadores, pois, para eles, ser mediador não é uma tarefa fácil. Há também dificuldade em atingir a todos os educandos da mesma forma. Por exemplo, muitos têm dificuldade com a aceitação de erros, e acabam assim ficando frustrados, porque erraram, ou não tiveram autocontrole para manter o *fair play*, enquanto alguns não querem nem ao menos participar. Há dificuldade em algumas situações envolvendo a

capacidade de diálogo dos participantes, sendo que dos três tempos, dois são exigidos a participação ativa através do diálogo.

Estes desafios e dificuldades estão explicitados nas falas dos educadores:

Eu acho que uma das dificuldades – que eu já tinha citado antes – é essa questão da inclusão mesmo, questões de habilidades que eu estava te falando. Acredito que uma questão que aparece normalmente, quando os alunos são novos e até mesmo nos alunos antigos, é a busca que eles têm; a necessidade que eles têm de um julgamento do mediador, que ele consiga decidir. Eu acho que é uma dificuldade bem grande eles tomarem essa decisão de: bom, eu julgo que a minha atitude foi errada. (Educadora 1).

Hoje a gente vive um momento que as meninas que participam do projeto estão bem empoderadas, elas até querem jogar. Mas tem outras meninas que dizem querer jogar, mas não demonstram uma disponibilidade corporal para isso. Então, principalmente os guris, eles se sentem um pouco bravos e aí acaba com aquela função de não querer tocar a bola e tal. (Educador 2).

O que eu tenho percebido após alguns anos é que o jogo está ficando meio mecânico. Eles não conseguem mais sair fora da caixa e pensar em novas estratégias para tornar o jogo melhor. Às vezes me parece que eles querem muito mais fazer uma regra rápida, para que eles possam jogar; ir para a parte prática logo. Do que eu fazer uma regra que realmente vai incrementar o jogo, vai tornar o jogo mais fácil, mais atrativo. (Educadora 1).

E nós temos educandos que acabam fazendo... até cumprindo as regras, mas somente para conseguir ganhar pontuação. E acaba não tendo uma mudança verdadeira. (Educador 2).

Eu acredito que o papel do mediador, durante a minha caminhada trabalhando com o Futebol 3 Tempos, foi uma das minhas maiores dificuldades. Porque assim como as crianças buscam essa resposta, o mediador também busca dar essa resposta automaticamente. (Educadora 1).

O papel dos mediadores é fundamental para o sucesso do Futebol 3 Tempos, pois eles atuam como facilitadores em todo o processo, motivando os educandos à contribuírem e dialogarem no primeiro e terceiro tempos, para que reflitam sobre as situações ocorridas na partida e criem regras e acordos para tornar o jogo mais divertido e justo, além de monitorarem a prática do jogo no segundo tempo, observando atentamente todas as situações da partida e anotando na planilha do mediador.

Com o objetivo de não tornar o momento de construção de regras e acordos tão mecânicos, como relatado pelos educadores, ao longo dos anos foram utilizados diversos modelos de planilhas (ver Anexo H). A planilha utilizada atualmente é mais

flexível do que as anteriores, justamente para estimular os educandos no momento da construção das regras e avaliação após o jogo. Neste sentido, além da atualização das ferramentas utilizadas (planilhas, planos de aula, manuais, etc.), parece ser importante manter de forma contínua a capacitação e formação dos educadores para garantir que os objetivos do Futebol 3 Tempos sejam alcançados.

O educador 2 traz como dificuldades e desafios o fato de não garantir que todos os educandos sejam atingidos de acordo com os objetivos do Futebol 3 Tempos, pois existem características e necessidades diferentes entre os participantes.

Segundo Vancini *et al.* (2015) é fundamental o respeito às particularidades dos praticantes, aos diferentes significados que a prática do esporte proporciona. Esse respeito torna-se necessário para o bom funcionamento do Futebol 3 Tempos, uma vez que o projeto atende diferentes tipos de sujeitos, com individualidades e necessidades particulares.

É uma metodologia que busca tornar o futebol menos competitivo e mais divertido também. Acredito que eles são atingidos parcialmente. Eu digo parcialmente, porque nós não conseguimos atingir todos os educandos da mesma maneira. (Educador 2).

Este educador também destaca como dificuldade o fato de alguns participantes tentarem burlar as regras para seus próprios benefícios:

Eu destacaria, assim, a questão dos participantes que tentam burlar a regra. Que tentam montar rapidinho uma regra só para sair jogando. Isso é ainda uma coisa negativa. (Educador 2).

Mas, segundo o mesmo, de todas as dificuldades e desafios enfrentados, a relação dos educandos com o sentimento de frustração é a maior, na sua opinião:

Eu vejo que as maiores dificuldades ainda são em relação à frustração. De tu não fazer uma boa partida, não conseguir se manter calmo, equilibrado, conforme o *fair play* para poder vencer aquela partida. Eles ainda não conseguem se dar bem com a derrota durante o jogo. Ou, também, o terceiro tempo. Questão de aceitação. Aceitar que o colega aponte onde tu errou e assumir: bom, realmente eu falhei. Essa é uma das partes mais difíceis para eles. (Educador 2).

A educadora 3 aponta, além da dificuldade em incluir as meninas e os participantes menos habilidosos, a questão da falta de diálogo, relacionando com a questão da maturidade emocional:

A questão das meninas estarem dividindo esse espaço com os meninos. E também questões de discriminação com participantes menos habilidosos e por aí vai. Como os alunos trazem isso no terceiro tempo, alguns conseguem fazê-lo na forma de diálogo, outros não. Mas a principal dificuldade é dialogar; nem todos conseguem fazer isso. Esse é um problema que a gente enfrenta principalmente no público adolescente. (Educadora 3).

4.4.3 Percepção dos Familiares

Nesta categoria, os familiares tiveram dificuldades e demonstraram limitações no momento de responder, talvez pelo fato de não conhecerem profundamente como são desenvolvidas as aulas de Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana.

Dos seis respondentes, dois acreditam não existir desafios e dificuldades, dois destacaram questões relacionadas a problemas enfrentados na comunidade, como violência e falta de segurança, relatando a importância de ter um espaço seguro como o da ACM, e apenas dois citaram questões trazidas também pelos educadores e educandos, como o desafio das meninas jogarem juntos com os meninos.

Acho que meninos e meninas jogando juntos não deve ser fácil. Minha filha joga porque gosta muito, mas deve ser difícil para elas. (Familiar 1).

Acredito que o maior desafio é a inclusão das meninas no jogo. (Familiar 4).

As dificuldades são falta de segurança e violência nas ruas, por isso é importante um espaço seguro como a ACM. (Familiar 6).

Mesmo não sendo o foco da categoria analisada, é interessante observar que os familiares se preocupam muito com as questões envolvendo o alto índice de violência na região, conforme abordado também na categoria sobre os motivos que levam os educandos a participarem das aulas. A falta de segurança é um problema recorrente, principalmente nas regiões mais vulneráveis, dominadas pelo tráfico de drogas. Por isso, é fundamental que os projetos sociais esportivos tenham atividades que despertem o interesse e que sejam espaços acolhedores para estes jovens.

Acredita-se que ensinar bem o esporte é ensinar mais que ele mesmo. É explorá-lo ao nível de exercer tal fascínio nos jovens, que ele represente um contraponto tão forte quanto as pressões da violência generalizada que sofrem todos os dias. É necessário que se planeje e encare o esporte em projetos sociais como uma ação que seja tão profunda quanto as marcas da exclusão que estas pessoas vivem. Acredita-se, por fim, que se não for desta maneira, a pedagogia do esporte não será páreo para a pedagogia das ruas e do tráfico. (HIMARA; MONTAGNER, 2012, p.162).

Esta categoria mostrou que muitos são os desafios e as dificuldades na prática do Futebol 3 Tempos. Segundo o que se apresentou na fala dos educandos e dos educadores, a maior dificuldade ainda está relacionada a questões de gênero. O “machismo”, fazendo uso do termo empregado por uma educanda, ainda é evidente entre os meninos e o receio de não ganharem uma partida por causa das meninas, faz com que as mesmas sejam deixadas de lado, mesmo se elas estiverem

participando da partida. Os meninos acreditam que por terem habilidades “naturais” ainda são melhores que as meninas e tendem a “mecanizar” os jogos para facilitar o andamento dos mesmos para a exclusão das meninas.

A tentativa de burlar regras ou criar regras que não serão obedecidas é uma evidência que ainda há dificuldades a serem ultrapassadas pelos educadores para que seja realizada uma inclusão justa das meninas no Futebol 3 Tempos. É importante trabalhar essa questão de regras e ausência de árbitro com os educandos, inclusive utilizando como exemplo outras modalidades, como o Tênis de Campo, no qual as crianças e jovens participam de jogos e torneios sem árbitros em quadra, passando a ser dos próprios jogadores a responsabilidade para resolver os conflitos que aparecem.

Outra questão a ser levada em conta, é a dificuldade que os educandos têm de aceitarem o erro e lidar com as frustrações. O diálogo, neste caso, é fundamental. Entretanto, há também dificuldades de dialogar em determinadas situações. Isso torna a tarefa dos educadores árdua, ou seja, há dificuldades para fazer com que todos os passos do Futebol 3 Tempos sejam realizados de forma correta. A este respeito, o apoio da instituição e das redes parceiras parece ser fundamental para que os educadores sejam continuamente capacitados para atender e melhor compreender os educandos, explorando cada vez mais as possibilidades de trabalhar o Futebol 3 tempos como ferramenta educacional. Também se mostram fundamentais as intervenções dos educadores, em suas tarefas de mediadores, instigando e motivando os educandos para que compreendam os objetivos do Futebol 3 Tempos, e não fiquem restritos simplesmente a prática do jogo.

4.5 OPORTUNIDADES DE MELHORIA NA METODOLOGIA DO FUTEBOL 3 TEMPOS

4.5.1 Percepção dos Educandos e Educandas

As oportunidades de melhoria são visíveis, quando se questiona os entrevistados sobre este assunto. Os educandos e educandas referem que melhorias são necessárias para que se obtenham melhores resultados, como por exemplo, a questão de colocar os ocorridos em ata no terceiro tempo. Segundo os entrevistados, isso demora e fica entediante, pois alguns educandos não se comprometem em participar deste momento pós-jogo.

Existem melhorias a serem feitas também na questão de não haver árbitro, uma

vez que não há um mediador que pare o jogo e advirta para que não tenham mais faltas. Os educandos consideram que alguns colegas utilizam esta situação para levar vantagem e retirar benefício próprio. Embora o Futebol 3 Tempos tenha regras e acordos estabelecidos pelos próprios participantes, nem todos respeitam tais regras e acordos. Importante também destacar que os educandos se preocupam com a questão de nem todos participarem e julgam que seria fundamental para o sucesso da metodologia que todos participassem e entendessem os conceitos trabalhados. Outra situação levantada é a inclusão das meninas, pelo fato de muitas vezes definirem como regra que gol de menina vale dois, ou seja, as meninas não são incluídas por suas habilidades, mas porque os meninos entendem que seja uma vantagem o gol valendo dois. Este é um acordo que acaba gerando polêmica. Enquanto algumas meninas acreditam que o valor do gol deve ser o mesmo, pela questão de igualdade de gênero, outras concordam que deve valer dois gols, para que elas consigam participar mais ativamente do jogo.

É possível observar estas necessidades de melhoria na fala de alguns entrevistados:

Porque no terceiro tempo tu se senta e reflete sobre tudo o que aconteceu. Tu pode colocar em ata tudo que ocorreu no jogo... É que uns querem e outros não. E isso se torna demorado e chato para os alunos. (Educanda 2).

O educando 3 relata que costuma trazer as oportunidades de melhoria sempre no primeiro tempo, nas regras feitas antes do jogo:

Eu trouxe das gurias também, aquela que tem que passar uma vez pela guria para poder fazer o gol. Aquela de sair também só com guria. Tudo que eu pensei; tudo que a gente pensou junto ali embaixo é voltado, na maioria das vezes, para as mulheres. Para a gente tentar botar elas mais no jogo. (Educando 3).

Ah, na verdade, no início era difícil os meninos te escolherem para jogar. E aí, depois de um tempo, eu percebi que não gostava do fato do gol das meninas valerem dois. Que era só por esse motivo que os meninos nos incluíam. Não porque tu tinha habilidade tanto quanto eles ou outros fatores. (Educando 4).

4.5.2 Percepção dos Educadores

Para os educadores, toda metodologia tem espaço para melhorias e não seria diferente com o Futebol 3 Tempos. Um dos pontos destacados é a questão dos participantes gostarem mais da prática, não disponibilizando o tempo necessário para todas as etapas da metodologia. Sem dúvida, a questão aqui também remete ao tempo que os educadores precisam dedicar para entender, discutir e conduzir os

conflitos que surgem durante o jogo. Este tempo muitas vezes é curto e precisa ser repensado para que os objetivos sejam alcançados.

Outra questão que fica evidente é quanto à equiparação entre meninos e meninas na marcação dos gols. O valor das meninas deve ser atribuído por elas mesmas e não pela valorização em registrar mais em um gol, por exemplo. Ainda como ponto de melhoria fica a questão de conseguir incluir todos os alunos, para que o projeto seja aproveitado no seu limite máximo.

Embora, na visão dos educadores, o mesmo não tenha nenhum impacto negativo, existem possibilidades de melhoria, segundo o que expressaram em suas falas:

Eu não acho que tenha, não consigo perceber, um ponto negativo desse método. E sim, de repente, uma necessidade de um aprofundamento, que acredito que eu ainda não tenha atingido. Mas que tem muitas coisas para se desenvolver dentro disso. Por exemplo, para mim, uma crítica que tenho e que acho que é um ponto negativo é a sede pela prática. O primeiro tempo, então, se torna algo rápido, para que o jogo aconteça. Sempre existe um pedido de que o jogo, a parte prática, seja longo. E o terceiro tempo, às vezes é algo muito rápido. Além disso, a gente tem sempre a demanda de que temos um período, um tempo, para que aquilo aconteça. Então, se existe uma necessidade de instigar mais, de falar mais sobre o segundo tempo, muitas vezes a hora/relógio vai fazer com que a gente precise acabar com aquele debate ou aquela discussão. (Educadora 1).

A participação dos educandos simplesmente por gostarem da prática do futebol aparece novamente na fala da educadora 3, quando perguntada sobre as oportunidades de melhorias:

Às vezes o aluno só quer jogar, ele não está disposto a fazer o Futebol 3 Tempos. Ele não quer fazer o primeiro tempo, e não quer participar do terceiro. E aí acaba não contribuindo muito. Eu acho que, nesse caso, o objetivo não é alcançado. (Educadora 3).

As dificuldades relacionadas ao entendimento dos educandos quanto aos valores trabalhados, como por exemplo, a inclusão de gênero, aparecem na fala da educadora 1. Neste sentido, sua posição parece reforçar a necessidade dos educadores, como mediadores, trabalharem com maior ênfase estas temáticas, provocando uma maior reflexão dos participantes:

Acredito que os educandos percebem isso, pois alguns já nos trazem, por exemplo, a regra: gol de menina vale dois. Bom, por que eu preciso que o meu gol tenha esse valor? Eu não preciso que ele valha dois. Porque eu tenho tanta habilidade quanto tal menino. Eu não preciso que seja reforçado para que... eu não preciso encontrar uma regra para que eu possa jogar. Eu já estou inserida nesse jogo. Eu posso participar efetivamente, tanto quanto qualquer menino. (Educadora 1).

Já o educador 2 aponta que se faz necessário um maior número de capacitações para os educadores e também mais engajamento e comprometimento dos mesmos em suas funções como mediadores:

E, talvez, a capacitação de mediadores. Eu acho que atualmente, pelo menos na ACM, que a gente está com uma equipe muito nova, a capacitação para novos mediadores do Futebol 3 Tempos, possa evoluir um pouco mais. Eu não sei se as pessoas não estão tão bem engajadas ou se falta maior disseminação. Então, a minha crítica atualmente seria isso: de não ter mais pessoas engajadas, envolvidas com o Futebol 3 Tempos. Parece que dentro da ACM ele está mais restrito aos antigos. E os novos ainda não conseguiram pegar esse espírito do Futebol 3 Tempos. Alguns estão tentando. Mas, eu acho que ainda falta, sabe? Mais capacitações sobre a metodologia. (Educador 2).

Para que os objetivos da metodologia do Futebol 3 Tempos sejam alcançados, fica claro na fala dos educadores a necessidade de uma qualificação dos mesmos, para que sejam desenvolvidas e exercitadas as competências e habilidades necessárias para suas funções como mediadores. A comunicação, por exemplo, é fundamental, pois os educadores têm o papel de facilitar e incentivar as discussões pré e pós-jogo. A liderança também é considerada importante, já que os educadores são vistos como referências pelos educandos, servindo-lhes como modelo. A competência para atuar na resolução de conflitos também é referida, uma vez que é necessário ter calma e saber ouvir todas as partes envolvidas, sendo empático e o mais neutro possível.

Além disso, é fundamental que ocorra um planejamento estruturado, de acordo com as necessidades dos educandos e em conformidade com os objetivos do Futebol 3 Tempos. Neste sentido, ganha força a organização e o estudo das temáticas e atividades que serão desenvolvidas e o planejamento das aulas. Ferreira Junior (2018) argumenta nesta direção. Para este autor, para que se consiga promover a socialização entre os participantes, juntamente com o respeito e a oportunidade de expandir seus relacionamentos, deve-se atentar para a importância do planejamento das aulas.

4.5.3 Percepção dos Familiares

Os familiares não foram questionados sobre as oportunidades de melhoria na metodologia, devido ao fato de não vivenciarem na prática o Futebol 3 Tempos. Isso deixa claro, e pode também ser apontado como oportunidade de melhoria, a necessidade de encontros e reuniões mais frequentes para tratar de assuntos

relacionados ao Futebol 3 Tempos, pois segundo os familiares, as reuniões são semestrais e tratam de diversos assuntos.

Participo das reuniões na ACM sobre outros assuntos como: matrícula, frequência, colônia de férias, passeios e apresentação do dia das mães. (Familiar 4).

Sobre as reuniões com os responsáveis, a familiar 3 relata que, especificamente sobre o Futebol 3 Tempos, os encontros só acontecem quando tem algum evento:

Toda vez que tem algum evento ou passeio do Futebol 3 Tempos somos convidados para participar da reunião. (Familiar 3).

Segundo Lovisolo, o acordo entre as famílias, os educandos e os educadores, sobre os valores, os meios e as expectativas, é fundamental na implementação de projetos ou de propostas no âmbito educacional, pois é necessário que todos os atores sociais envolvidos compartilhem de um horizonte comum de crenças ou representações. (LOVISOLO, 1995a, p. 42).

Nas questões relacionadas às oportunidades de melhorias ou sugestões, os familiares destacaram apenas agradecimentos e valorização sobre o trabalho que é desenvolvido na instituição:

Gostaria de acrescentar meu agradecimento pelo trabalho ministrado pelos profissionais que lá estão! Sempre atentos a ajudar e entender cada um de nós, tornando uma grande família. (Familiar 3).

Pelo que meu filho comenta, está tudo ótimo, não teria o que mudar. (Familiar 5).

Já os educandos e educadores deixaram evidente em suas falas que melhorias precisam ser feitas para que o Futebol 3 Tempos alcance de fato os objetivos propostos com a metodologia, trazendo diversos benefícios aos participantes. Há pontos que devem ser considerados e analisados, pois podem ser motivos de discussão entre a metodologia aplicada e a metodologia que se gostaria que fosse aplicada. Por exemplo, há falas que aprovam não haver árbitro na partida e falas que questionam justamente o fato de não haver árbitro.

No entanto, o que precisa ser alvo de discussão é até onde melhorias alterariam os resultados da metodologia. Alguns educandos, por exemplo, se sentem entediados com o terceiro tempo do jogo, no momento de reflexão e avaliação sobre tudo o que ocorreu em quadra. Mas, pelo entendimento da metodologia, este é um passo fundamental para o esclarecimento do que deve ser discutido e como deve ser resolvido. O fato é, que para melhorar este aspecto, o processo deve se tornar mais

dinâmico e o mediador deve ter habilidades para conduzir e interagir com os participantes. Além disso, é importante um olhar mais aprofundado dos próprios educadores que atuam como mediadores, pensando em novas estratégias para entender o que pode ser feito para que os educandos não se sintam entediados e não se afastem das atividades.

Há necessidade também, segundo as percepções dos participantes, de trabalhar a questão da inclusão das meninas no futebol, não fazendo diferenciação entre gêneros, por beneficiar um ou outro. Melhorias são destacadas ainda, quanto às etapas do Futebol 3 Tempos, já que é visto que os educandos preferem a parte prática do que os momentos de diálogo e construção das regras.

Enfim, as melhorias precisam ser analisadas e, para isso, é preciso profissionais capacitados na metodologia para entender como ela deve ser tratada em prol do que se propõe, ou seja, o aprendizado para melhoria pessoal. Sendo assim, ganha força a questão de os educadores poderem dedicar mais tempo a mediação dos conflitos gerados, para que os mesmos sejam resolvidos e não apenas discutidos superficialmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, os projetos sociais esportivos vêm crescendo consideravelmente nos últimos anos. O esporte utilizado como ferramenta para a transformação social já é uma realidade posta em um país marcado por desigualdades sociais, com grande apelo político na medida em que educação e esporte estão conectados e diretamente associados nestas iniciativas para reduzir os impactos negativos nas regiões menos favorecidas e de maior vulnerabilidade.

No entanto, para que o esporte possa contribuir de modo efetivo no processo educacional, é necessário que as atividades desenvolvidas sejam intencionalmente organizadas, sistematizadas e com metodologias aplicadas com o objetivo de fomentar o desenvolvimento pleno das crianças e jovens participantes, formando cidadãos preparados para os desafios da vida.

Diante deste contexto, com o esporte sendo reconhecido legalmente como direito de todos os cidadãos, surgem cada vez mais novas tecnologias sociais utilizando o esporte como meio para inclusão social. Contudo, é importante buscar o entendimento de como os atores sociais envolvidos percebem a importância destas iniciativas.

Neste sentido, o presente estudo, que teve como objetivo compreender as percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto Alegre/RS, buscou, de acordo com essas percepções, identificar motivos que levam os participantes a praticar a modalidade, objetivos da metodologia, os efeitos da sua prática, assim como desafios e dificuldades e as oportunidades de melhoria na metodologia do Futebol 3 Tempos.

Com relação aos efeitos da prática, observou-se que, na percepção dos participantes da pesquisa, os educandos se sentem mais incluídos na sociedade, pois além de aprenderem a respeitar o próximo, também são respeitados na comunidade, pois mesmo com todas as vulnerabilidades existentes, os jovens buscam reproduzir os valores aprendidos no Futebol 3 Tempos, como zelar pelo próximo, ser honesto, aprender a respeitar regras, entender as diferenças, desenvolver habilidades e buscarem ser pessoas éticas, tornando-se cidadãos ativos e protagonistas na sociedade.

É importante destacar que os educadores têm um papel fundamental enquanto mediadores nas sessões de Futebol 3 Tempos, buscando empoderar os jovens para que participem ativamente de todas as etapas, compreendendo seus objetivos e

metodologia, para que os efeitos citados anteriormente, de fato sejam positivos na vida dos educandos.

Além disso, os educadores, educandos e seus familiares acreditam que os objetivos também estão relacionados com a busca pela igualdade de gênero e pela justiça, valorização do ser humano e, principalmente, o entendimento que todos os valores trabalhados durante as aulas devem ser levados para a vida, em todos os ambientes.

Desde que surgiu, em meados dos anos de 1990, o Futebol 3 Tempos busca utilizar o futebol, esporte mais popular do mundo, como ferramenta para promover o desenvolvimento de jovens, trabalhando valores e princípios destacados pelos participantes, o que evidencia, que, mesmo com visões de diferentes atores envolvidos, os benefícios e objetivos estão associados aos previstos desde o seu surgimento.

Quanto aos motivos que levam os jovens a participarem das aulas e continuarem praticando, embora tanto os familiares, quanto os educadores e educandos relatem motivos relacionados aos objetivos previstos no Futebol 3 Tempos, o principal motivo para participação dos jovens ainda é o gosto pela prática do futebol, o que pode ser positivo para promover cada vez mais a participação dos educandos, mas também pode se tornar uma dificuldade se o trabalho não for direcionado para o propósito do Futebol 3 Tempos, limitando-se somente a prática do jogo.

É interessante destacar que, mesmo com todos os jovens entrevistados apontando o gosto pela prática do futebol como o principal motivo, quando questionados se preferiam praticar o Futebol 3 Tempos ou o futebol “tradicional”, somente um educando respondeu que gostava mais do futebol “tradicional”, o que leva a crer que as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento através dos valores e conceitos trabalhados são valorizados pelos participantes. Também foram destacados como motivos, a possibilidade de inclusão de gênero no meio do futebol, além da inclusão de jovens que costumavam não participar das aulas de futebol por serem considerados com menos habilidades motoras.

Em relação aos desafios e dificuldades enfrentadas, o processo de inclusão, embora seja trabalhado e destacado nos objetivos, é o maior desafio encontrado. As questões envolvendo diversidade ainda não são aceitas por todos, principalmente envolvendo gênero e colegas com menos habilidades para jogar futebol. Outra

questão a ser levada em conta, é a dificuldade que os educandos têm de aceitarem o erro, pois muitos não estão preparados para lidar com as frustrações durante a partida. A intervenção do mediador, através do diálogo pós-jogo é fundamental para auxiliar os educandos, que muitas vezes também demonstram limitações no momento de dialogar, aumentando as responsabilidades dos educadores que atuam como mediadores.

O fato de não haver árbitro na partida também gera dificuldades para alguns educandos, que precisam desenvolver autonomia para se responsabilizarem pelas situações ocorridas durante o jogo, assim como o terceiro tempo, momento de refletir sobre tudo que ocorreu durante a partida e avaliar se as regras e os acordos estabelecidos no primeiro tempo foram cumpridos. Enquanto alguns gostam e participam ativamente deste momento, outros educandos se sentem entediados durante esta etapa, que é fundamental dentro da metodologia. Para evoluir neste aspecto, mais estudos devem ser realizados para entender o que pode ser feito para que os participantes não se sintam entediados e não se afastem das atividades, tornando esse processo mais dinâmico, sem perder a essência da proposta.

A alta competitividade dos educandos na prática do futebol e o fato de gostarem muito da modalidade também são dificuldades enfrentadas e acabam se tornando desafios para os mediadores, pois o primeiro e o terceiro tempo se tornam, muitas vezes, processos “mecanizados” quando o foco maior é o jogo.

Diante de algumas dificuldades relatadas, oportunidades de melhorias foram trazidas pelos participantes da pesquisa, como a necessidade de trabalhar com mais afinco a questão da inclusão feminina no futebol, não fazendo diferenciação entre gêneros ou promovendo benefícios para que os meninos aceitem que meninas joguem no mesmo time, como o exemplo que foi dado sobre um gol de menina contar como dois.

Para que ocorra o sucesso da metodologia em todas as etapas previstas, é fundamental que os educadores estejam preparados e capacitados, pois sem dúvida, várias das dificuldades relatadas e dos desafios encontrados durante as aulas estão relacionados ao tempo dispendido para conduzir os conflitos que surgem durante o jogo. As melhorias precisam ser analisadas e, para isso, é necessário compreender como a metodologia deve ser tratada em prol do que se propõe nos objetivos do Futebol 3 Tempos.

A necessidade da participação mais ativa dos familiares é evidenciada quando

são abordadas as dificuldades e os desafios colocados pelo Futebol 3 Tempos e as oportunidades de melhoria na sua metodologia. As mães valorizam as ações desenvolvidas na ACM Morro Santana e relatam benefícios e objetivos relacionados ao Futebol 3 Tempos, mas o fato de não vivenciarem o dia a dia e nem participarem de reuniões frequentes na instituição, acaba prejudicando o entendimento sobre a importância da atividade para seus filhos e filhas.

É evidente também a necessidade de encontros e reuniões mais frequentes para tratar de assuntos relacionados ao Futebol 3 Tempos, pois o fato dos educandos comentarem com seus familiares sobre as atividades desenvolvidas no projeto não garante que os mesmos tenham entendimento mais detalhado sobre o mesmo.

Cabe destacar que alguns temas que aparecem seguidamente na literatura, como racismo e deficiência, não foram mencionados pelos participantes da pesquisa. Isso talvez tenha ocorrido pelo fato destes temas serem trabalhados em todas as áreas dos projetos sociais da ACM, das quais os educandos e os educadores também fazem parte.

Por fim, para que a aplicação da metodologia tenha um resultado efetivo, é essencial que esforços sejam realizados por todos os envolvidos no processo, com o objetivo de que os educandos sejam incluídos em sua totalidade, e realmente levem o aprendizado das aulas para suas vidas.

Pode-se concluir que na percepção dos educadores, educandos e seus familiares, o Futebol 3 Tempos traz contribuições relevantes para os participantes, embora possa ser melhorado em alguns aspectos, potencializando seus efeitos e auxiliando cada vez mais no desenvolvimento de crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. et.al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS RS (ACM). **Área de Desenvolvimento Social da ACM-RS**. 2011. Disponível em: <https://www.acm-rs.com.br/pilar/area-de-desenvolvimento-social/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS RS (ACM). **Metodologia inovadora introduzida no estado pela ACM-RS**. 2019. Disponível em: <http://www.acm-rs.com.br/portal2/pilar/futebol-3-tempos/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed Lisboa: Edições 70, 2004.

BAYER, Claude. O. **Ensino dos desportos coletivos**. Paris: Editions Vigot, 1994.

BENTO, Jorge; CONSTANTINO, J. M. **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Coimbra: Almadina, 2007.

BETTI, Mauro; FERRAZ, O. L.; DANTAS, L. E. P. B. T. Educação física escolar: estado da arte e direções futuras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. esp., p. 105-15, 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BONA, Viviane. **Tecnologia e infância: ser criança na contemporaneidade**. Recife 2010. Disponível:
http://www.gente.eti.br/edumatec/attachments/008_Viviane%20de%20Bona.pdf.
Acesso em: 5 dez. 2019.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul., 2005.

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Journal of Physical Education**, p. 28-33, 1989.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Aspectos conceituais da vulnerabilidade social**. Brasília: UNICAMP, 2007.

_____. Ministério do Esporte. **Programa Segundo Tempo**. Diretriz 2016. Disponível em:
<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/2016/SegundoTempo/Diretrizes%20Programa%20Segundo%20Tempo.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2019.

CAMPELLO, T.; et al. Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. **Saúde debate**, v. 42, n. spe 3, p. 54-66, 2018.

CAPRANICA, L.; MILLARD-STAFFORD, M. L. Youth sport specialization: how to manage competition and training? **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 6, n. 4, p. 572–579, 2011.

CARVALHO, I. C. M.; MÜLLER, L. H.; STEPHANOU, L. **Guia para elaboração de projetos sociais**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAVALIERE, A. M. Tempo de escola e qualidade na educação pública. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 esp., p. 1015-1035, out. 2007.

CHAVES, I. C. G. **Tecnologia e infância**: um olhar sobre as brincadeiras das crianças. Monografia (Graduação de Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia social**: contribuições conceituais e metodológicas. 2014. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7hbd>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

DA SILVA, André Xavier. **História do futebol no Brasil**: uma análise a partir do materialismo histórico dialético. 2011. Disponível em: http://www.uel.br/cef/demh/graduacao/arquivosdownload/tcc2012/Andre_Xavier_LEF_200_2011.pdf. Acesso em: 19 abr. 2019.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Editora Cortez, 2012.

DE MARCO, A. Desenvolvimento humano, educação e esporte. In: **Esporte como fator de qualidade de vida**. MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs.) Piracicaba: Unimep. 2002.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Sete décadas de políticas sociais no Brasil. **Revista do Serviço Público**, p. 111-122, 2007.

FIDELIS, M.; MARQUES, F.; OLIVEIRA, A. de. Aspectos educacionais e sociais de egressos do sistema carcerário do Rio de Janeiro. **EFDeportes.com**, Buenos Aires,

ano 13, n. 129, feb. 2009. Disponível em:
<http://www.efdeportes.com/efd129/aspectos-educacionais-e-sociais-de-egressos-do-sistema-carcerario-do-rio-de-janeiro.htm>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, João Batista. **Futebol e cultura esportiva contemporânea**. 2013. Disponível em: <http://blog.cev.org.br/joaofreire/2013/futebol-e-cultura-esportiva-contemporanea/>. Acesso em: 19 abr. 2019.

GALATTI, L. R.; et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 25, n. 1, 2014.

GANNETT, K. R. Football with three 'halves': A qualitative exploratory study of the football3 model at the Football for Hope Festival 2010. **Sport Dev.**, v. 2, n. 3, p. 47–59, aug. 2014.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

GAYA, Adroaldo. Programa Segundo Tempo: introdução. In: OLIVEIRA, Amauri. A. B. de; PERIM, Gianna. L. (orgs.). **Fundamentos pedagógicos para o programa Segundo Tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 3. ed. São Paulo, Loyola. 1991.

GOHN, M. da G. **Os Sem-Terra, ONGs e Cidadania**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOIS JUNIOR, E.; LOVISOLO, Hugo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, set. 2003.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **A vila olímpica da Verde-e-Rosa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. (Violência, Cultura e Poder).

GONZÁLES, F. G.; DARIDO, Suraya; OLIVEIRA, A. D. **Práticas corporais e organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, 2014. v. 4.

HIRAMA, L. F.; MONTAGNER, P. C., Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 34, n. 1, p. 149-164, jan./mar. 2012.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Educação pelo esporte**. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por amostra de domicílios – **PNAD e Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2019.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Conhecimento e Cidadania 1**. Tecnologia Social. São Paulo: ITS, 2007.

KOLYNIK FILHO, C. O esporte como objeto da educação física ou da ciência da motricidade humana. **Discorpo**, v. 7, p. 31-47, 1997.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógico no esporte**. 7. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

LONG, J. **Count me in: the dimensions of social inclusion throught culture & sport**. Center for Leisure & Sport Research Leeds Metropolitan University, 2002.

LOVISOLO, Hugo. **Educação física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MACHADO, J. L. de A. **Brinquedos ou computadores?** 2007. Disponível em: http://hdibrasil.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=543. Acesso em: 7 dez. 2019.

MALDONADO, D. T. Ensino dos esportes na escola pública e o desenvolvimento do pensamento crítico de alunos do ensino médio. **Conexões: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 13, n. 3, p. 213-230, 2015.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **Revista Pensar A Prática**, v. 10, n. 1, 2007.

MELLO, A. da S.; FERREIRA NETO, A.; VOTRE, S. J. Intervenção da Educação Física em projetos sociais: uma experiência de cidadania e esporte em Vila Velha (ES). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 75-91, set. 2009.

MELO, J. P.; DIAS, J. C. N. Fundamentos do programa Segundo Tempo: entrelaçamentos do esporte, do desenvolvimento humano, da cultura e da educação In: OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Ed.). **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão a prática**. Maringá: Eduem, 2009.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 351-373, 2014.

MEYER, Simone.; RUBIO, Katia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educ. Pesqui.**, v. 37, n. 4, dez. 2011.

MEZZAROBA, C. O esporte nos projetos sociais: reflexões através das contribuições de Norbert Elias. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 13, n. 124, set. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd124/o-esporte-nos-projetos-sociais-contribuicoes-de-norbert-elias.htm>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Projeto Segundo Tempo**. Brasília, DF: 2004.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo de Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011.

NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa em educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, Amauri A. B.; PERIM, Gianna. L. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009.

OLIVEIRA, Amauri A. B. **Esporte educacional no programa segundo tempo**: uma construção coletiva. Maringá, PR, 2016.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 171, set. 2006. Disponível em: http://www.usp.br/eef/xipalops2006/48_Anais_p171.pdf. Acesso em: 8 dez. 2019.

PELLUCHON, C. **Éléments pour une éthique de la vulnérabilité**: les hommes, les animaux, la nature. Paris: Les éditions du cerf, 2011.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; SILVA, Lívia Ramos de Souza. Educação inclusiva: o desafio da formação de professores. **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**, v. 3, n. 1, p. 07-17, mar. 2011.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, Alcides. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

REZER, R. Reflexões didático-pedagógicas acerca do ensino do esporte no processo de formação de professores de Educação Física. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 271-292, 2010.

RODRIGUES, G. A avaliação na educação física escolar: caminhos e contextos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v. 2, n. 2, p. 11-21, out. 2003.

RUBIO, Katia. Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía Y Ciencias Sociales**, v. 7, n. 373, 2002.

SADI, R.; COSTA, J.; SACCO, B. Ensino de Esporte por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2008.

SANTOS, S. M. P. dos. **O lúdico na formação do educador**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

SCAGLIA, Alcides; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, J. (Org.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013.

SEIBEL, B. Zwischen sport und jugendhilfe: sportbezogene, lebensweltorientierte, soziale arbeit mit sozial benachteiligten jungen menschen. In: SCHEID, V.; SIMEN J. (orgs.) **Soziale Funktionen des Sports**. Schorndorf: Karl Hofmann, 1999.

SILVA, A. F. F.; SANTOS, E. C. M. **A importância do brincar na educação infantil**. Rio de Janeiro (RJ), 2009. Curso de Especialização "Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos". Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUSA, M. A.; VENDITTI JÚNIOR, R. Iniciação esportiva no Programa Segundo Tempo: perspectivas teóricas, reflexões e proposta metodológica para os fundamentos do basquetebol. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal/SP, v. 10, n. 14, p. 94-121, jan-jun. 2009.

STIGLITZ, J.; SEN, A.; FITOUSSI, J. P. **Relatório da comissão sobre a mensuração de desempenho econômico e progresso social**. Curitiba: SESI/PR, 2012.

STREETFOOTBALLWORLD. **Manual de Futebol3: como utilizar o futebol para mudança social**. 2016.

TANI, G. Avaliação das condições do ensino de graduação em Educação Física: garantia de uma formação de qualidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 2, p. 55-70, 2007.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, Iraquitan O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, jan./mar. 2013.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.

THOMASSIM, L. E. C.; STIGGER, Marco Paulo. Super-oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre essas ações. In: SEMINÁRIO NACIONAL POLÍTICA & SOCIOLOGIA UFPR, 1. 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2009.

TRAVASSOS, B. et al. Improving passing actions in team sports by developing interpersonal interactions. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 4, p. 677-688, 2012.

TREJO, S. M. Football experiences to combat social exclusion and a World Cup: what kind of social capital beyond the tournament?" **Documento de trabajo División de Administración Pública**, CIDE, n. 287, p. 1-42, 2013.

_____. O uso do futebol social como ferramenta internacional. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 2, p. 31-34, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

TUBINO, Manoel. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte educação**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011.

_____. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TUBINO, F.; GARRIDO, F.; TUBINO, Manoel. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2007.

VANCINI, M. et al. A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais: um ensaio teórico. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154, out./dez. 2015.

VENDITTI, J.R. R.; SOUSA, A. M. Tornando o jogo possível: reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 47-58, jan-jul. 2008.

VIANNA, José. A. Educação física, esportes e lazer para as camadas populares: a representação social dos seus atores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13. 2003, Caxambu. **Anais...** Campinas: CBCE, 2003.

VIANNA, José.; LOVISOLO, Hugo. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. **Revista Movimento**, 2009.

VILAR, L.; et al. The role of ecological dynamics in analysing performance in team sports. **Sports Medicine**, v. 42, n. 1, p. 1-10, 2012.

VILLAS BÔAS, M. S.; FONTANELLA, F. C.; PEREIRA, V. R. As faces do esporte e a Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 87-96. 2000.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WALLON, Henri. **Evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILPERT, Raul. A. **O futebol como agente de inclusão e interação social**: um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis – SC, 2005.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora Escuta, Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM EDUCADORES

Dados de identificação

Nome:

Data de nascimento:

Formação:

Área de atuação:

Tempo de atuação com o Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana:

Roteiro de Perguntas

1. Fale sobre sua experiência com os educandos e as educandas no projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morra Santana.
2. Quais são os objetivos do projeto Futebol 3 Tempos? Acredita que esses objetivos são atingidos? Por quê?
3. Você considera que estes objetivos atendem aos interesses e às necessidades dos educandos e educandas que participam do projeto? Por quê?
4. Na sua percepção, quais são as dificuldades e os desafios enfrentados pelos educandos e educandas no projeto? Como isso afeta às atividades do projeto?
5. Quais são as dificuldades e os desafios enfrentados pelos educadores no projeto de Futebol 3 Tempos?
6. Na sua opinião, quais são os motivos que levam os educandos e educandas a participar do projeto Futebol 3 Tempos? O que faz com que eles/elas continuem participando?
7. Você percebe, durante as aulas de Futebol 3 Tempos, algum tipo de discriminação racial, de gênero, de classe social, de deficiência ou de outro tipo entre os(as) educandos(as)? Caso ocorram essas situações, como os educandos educandas reagem? Como você, na função de mediador(a), trabalha essas questões?
8. Quais são as ações/atividades que você realiza sobre temas como discriminação racial, igualdade de gênero, cultura de paz, promoção da saúde, inclusão social?
9. Na sua opinião, quais são os pontos positivos e negativos da metodologia do Futebol 3 Tempos?
10. Você considera esta metodologia adequada para atender os objetivos do

Futebol 3 Tempos?

11. Você considera esta metodologia adequada para atender aos interesses e às necessidades dos educandos e educandas?
12. Você mudaria alguma coisa na metodologia do Futebol 3 Tempos? Em caso afirmativo, que mudanças você faria?
13. Na sua opinião, a participação no projeto Futebol 3 Tempos contribui para a vida dos educandos e educandas? Em caso afirmativo, quais são as contribuições?
14. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o projeto Futebol 3 Tempos que não tratamos nesta entrevista?

Muito obrigado pela sua contribuição para a pesquisa!

ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM EDUCANDOS

Dados de Identificação

Nome:

Data Nascimento:

Ano na Escola:

Bairro onde mora:

Tempo no projeto da ACM Morro Santana:

Tempo praticando o Futebol 3 Tempos:

Roteiro de Perguntas

1. Fale sobre o projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana. Você aprende alguma coisa nas aulas? O que você mais gosta nas aulas?
2. Na sua visão, quais são os objetivos do projeto Futebol 3 Tempos? Acredita que esses objetivos são atingidos? Por quê?
3. O que faz com que você permaneça participando do projeto Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana?
4. Você enfrenta alguma dificuldade/desafio na prática do Futebol 3 Tempos? Em caso afirmativo, quais são estas dificuldades/desafios?
5. Você considera metodologia do Futebol 3 Tempos (1º, 2º e 3º tempo) adequada para atingir aos objetivos projeto? Em caso de resposta negativa, você mudaria alguma coisa nesta metodologia?
6. Para as meninas, como é jogar futebol com os meninos? E para os meninos, como é jogar futebol com as meninas?
7. Como é jogar futebol sem a presença de um árbitro ou um professor “apitando”?
8. Você prefere praticar o Futebol 3 Tempos ou o futebol “tradicional”? Já tentou jogar o Futebol 3 Tempos na escola ou em outro local fora da ACM? Como foi a experiência?
9. Você percebe, durante as aulas de Futebol 3 Tempos, algum tipo de discriminação racial, de gênero, em relação à deficiência ou de outro tipo entre os participantes? Em caso afirmativo, fale sobre estas situações. Como os participantes reagem? O que você faz nestas situações? Como o mediador trabalha essas questões?
10. Você percebe problemas de violência nas aulas de Futebol 3 Tempos? Em

caso afirmativo, fale sobre estas situações. Como os participantes reagem? O que você faz nestas situações? Como o mediador trabalha essas questões?

11. Você e/ou os seus colegas apresentam reclamações e/ou fazem sugestões de melhoria ao Futebol 3 Tempos. Em caso afirmativo, quais são as reclamações e/ou sugestões?
12. Você percebe alguma mudança no seu comportamento que esteja relacionado com a sua participação no projeto Futebol 3 Tempos na ACM Morro Santana?
13. Na sua opinião, a participação no projeto Futebol 3 Tempos contribui para o seu desenvolvimento como pessoa? Em caso afirmativo, quais são estas contribuições?
14. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o projeto Futebol 3 Tempos que não tratamos nesta entrevista?

Muito obrigado pela sua contribuição para a pesquisa.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA FAMILIARES

Dados de Identificação

Nome:

Data de Nascimento:

Bairro onde mora:

Parentesco com educando(a):

Perguntas

1. Quais foi o motivo que levou você a inscrever seu filho(a) no projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana?
2. Na sua opinião, quais são as atividades que seu filho(a) mais gosta de fazer no projeto Futebol 3 Tempos? E quais as atividades que ele(a) menos gosta?
3. Na sua opinião, quais são os objetivos do projeto Futebol 3 Tempos?
4. Na sua opinião, o que faz com que seu filho(a) continue participando do projeto Futebol 3 Tempos na ACM ao longo destes anos?
5. Você participa das reuniões com os professores da ACM para tratar de assuntos relacionados à participação do seu filho(a) no projeto Futebol 3 Tempos? Em caso afirmativo, você considera que os assuntos tratados são relevantes para a vida do seu filho(a)?
6. Na sua opinião, quais são as dificuldades/desafios enfrentados pelo seu filho(a) no projeto de Futebol 3 Tempos? Você tem sugestões de melhorias para superar estas dificuldades/desafios?
7. Você percebeu alguma mudança no seu filho(a) desde que ele(a) ingressou no Futebol 3 Tempos que possa ser atribuída a participação dele(a) no projeto? Em caso afirmativo, que mudança você percebeu?
8. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana que não tratamos neste questionário? Em caso afirmativo, por favor faça-o aqui:

Muito obrigado pela sua contribuição para a pesquisa

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA EDUCADORES

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, sabendo que o mesmo objetiva compreender “*As percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto Alegre/RS*”. Estou ciente de que esta pesquisa se faz relevante para a área do esporte educacional e dos projetos sociais.

Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária. Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido. Estes consistirão de uma entrevista, em dia e horário a serem estabelecidos de comum acordo entre o pesquisador e eu, com a duração de cerca de 50 minutos, a respeito das minhas percepções sobre o projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana. A entrevista será gravada, utilizando gravador de voz digital, sendo os áudios, posteriormente, transcritos. Ao final da pesquisa, as gravações serão apagadas e os materiais transcritos serão armazenados, por um período de dois anos, junto ao Grupo de Estudos Olímpicos e Paralímpicos da ESEFID-UFRGS, localizado na Rua Felizardo, n. 750, em Porto Alegre. Após este período, estes materiais serão descartados de maneira segura.

Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que poderei obter mais informações ao longo da pesquisa e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também foi garantida pelo pesquisador a minha confidencialidade e privacidade.

Foi-me informado também que, caso tenha alguma dúvida, posso a qualquer momento entrar em contato com o pesquisador responsável: Prof. Alberto Reinaldo Reppold Filho, pelo telefone: XXXXXXXXX, e com o mestrando Marcel Bica de Souza, pelo telefone XXXXXXXXX, ou com Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, pelo telefone XXXXXXXXX.

Declaro ainda, que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome do Participante:	Assinatura do Participante:	Data:
Nome do Pesquisador:	Assinatura do Pesquisador:	Data:

ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA EDUCANDOS E SEUS FAMILIARES

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, sabendo que o mesmo objetiva compreender “*As percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto Alegre/RS*”. Estou ciente de que esta pesquisa se faz relevante para a área do esporte educacional e dos projetos sociais.

Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária. Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido. Estes consistirão de uma entrevista, em dia e horário a serem estabelecidos de comum acordo entre o pesquisador e eu, com a duração de cerca de 50 minutos, a respeito das minhas percepções sobre o projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana. A entrevista será gravada, utilizando gravador de voz digital, sendo os áudios, posteriormente, transcritos. Ao final da pesquisa, as gravações serão apagadas e os materiais transcritos serão armazenados, por um período de dois anos, junto ao Grupo de Estudos Olímpicos e Paralímpicos da ESEFID-UFRGS, localizado na Rua Felizardo, n. 750, em Porto Alegre. Após este período, estes materiais serão descartados de maneira segura.

Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que poderei obter mais informações ao longo da pesquisa e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também foi garantida pelo pesquisador a minha confidencialidade e privacidade.

Foi-me informado também que, caso tenha alguma dúvida, posso a qualquer momento entrar em contato com o pesquisador responsável: Prof. Alberto Reinaldo Reppold Filho, pelo telefone: XXXXXXXXXX, e com o mestrando Marcel Bica de Souza, pelo telefone XXXXXXXXXX, ou com Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, pelo telefone XXXXXXXXXX.

Declaro ainda, que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome do Participante:	Assinatura do Participante:	Data:
Nome do Responsável	Assinatura do Responsável	Data
Nome do Pesquisador	Assinatura do Pesquisador:	Data:

ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FAMILIARES

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, sabendo que o mesmo objetiva compreender “*As percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto Alegre/RS*”. Estou ciente de que esta pesquisa se faz relevante para a área do esporte educacional e dos projetos sociais.

Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária. Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido. Estes consistirão do preenchimento de um questionário a respeito das minhas percepções sobre o projeto Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana, no qual o meu filho(a) faz parte. Os questionários preenchidos serão armazenados, por um período de dois anos, junto ao Grupo de Estudos Olímpicos e Paralímpicos da ESEFID-UFRGS, localizado na Rua Felizardo, n. 750, em Porto Alegre. Após este período, estes materiais serão descartados de maneira segura.

Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que poderei obter mais informações ao longo da pesquisa e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também foi garantida pelo pesquisador a minha confidencialidade e privacidade.

Foi-me informado também que, caso tenha alguma dúvida, posso a qualquer momento entrar em contato com o pesquisador responsável: Prof. Alberto Reinaldo Reppold Filho, pelo telefone: XXXXXXXXX, e com o mestrando Marcel Bica de Souza, pelo telefone XXXXXXXXX, ou com Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, pelo telefone XXXXXXXXX.

Declaro ainda, que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome do Participante: Assinatura do Participante: Data:

Nome do Pesquisador: Assinatura do Pesquisador: Data:

ANEXO G – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu CÍNTIA TERESINHA AMARAL, abaixo assinado, coordenadora da unidade ACM Morro Santana, da Área de Desenvolvimento Social da Associação Cristã de Moços do Rio Grande do Sul – ACM – RS, autorizo a realização do estudo *“As percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto Alegre/RS”*, a ser conduzido pelo pesquisador Marcel Bica de Souza. Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Assinatura:


Data:

Cintia Amaral
03/06/2019

ACM MORRO SANTANA
CNPJ: 92.863.000/0006-48
Endereço: Beco da Continental, 55
Fone: 3386-3835

ANEXO H – MODELOS DE PLANILHA DO MEDIADOR DO FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM

Figura 3 - Modelo Atual de Planilha do Mediador



<p>Mediador:</p> <hr/> <p>Regras básicas</p> <ul style="list-style-type: none"> *2 meninos e 2 meninas jogando na linha. *Não tem juiz e sem jogo perigoso! *Para uma falta, basta levantar a mão. *Tempo de FAIRPLAY. *Faltas são sempre indiretas. *Sem ligações diretas do goleiro com o atacante *Sem penalty. 	<p>Regras técnicas abertas para discussão</p> <p>Como a bola volta para o jogo?</p> <p><input type="checkbox"/> Pés <input type="checkbox"/> Mãos</p> <p>Gols de qualquer lugar do campo?</p> <p><input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO</p> <p>Tem escanteios?</p> <p><input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO</p> <p>Alguma regra adicional?</p> <hr/>	
<p>Regras de FAIRPLAY</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p>Observações da Partida</p> 	
<p>Time 1</p>	<p>Time 2</p>	
<input type="text"/>	<p>Pontos da partida (1, 2 ou 3)</p>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<p>Pontos de FAIRPLAY (0, 1, 2 ou 3)</p>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<p>Total de pontos (0-6)</p>	<input type="text"/>

Fonte: Acervo da ACM (2019).

Figura 4 - Modelo de Planilha do Mediador utilizada até 2014








TABELA DE COMBINAÇÕES DE REGRAS FUTEBOL DE RUA

Meio de campo					
Chuta direto	<input type="checkbox"/>	Passa bola	<input type="checkbox"/>	Frente	<input type="checkbox"/>
				Trás	<input type="checkbox"/>
				Opcional	<input type="checkbox"/>
Lateral					
Pé	<input type="checkbox"/>	Mão	<input type="checkbox"/>	Opcional	<input type="checkbox"/>
				Conforme a regra	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Escanteio					
Pé	<input type="checkbox"/>	Mão	<input type="checkbox"/>	Opcional	<input type="checkbox"/>
				Conforme a regra	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
				Gol Olímpico	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Goleiro					
Meio Campo	<input type="checkbox"/>	Todo Campo	<input type="checkbox"/>	Troca Quando	_____
Pênalti troca o goleiro	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			Vale gol de goleiro	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Falta					
Quem sofre cobra	<input type="checkbox"/>	Escolhe	<input type="checkbox"/>	Quantos passos distância	_____
Goleiro escolhe barreira	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>				
Pênalti					
Quem sofre cobra	<input type="checkbox"/>	Escolhe	<input type="checkbox"/>		
Marcação					
1x1	<input type="checkbox"/>	2x1	<input type="checkbox"/>	Opcional	<input type="checkbox"/>
Regras de Comportamento					
Falar palavrão é o que?					
Dentro da área?	Pênalti <input type="checkbox"/>	Falta <input type="checkbox"/>	Pênalti Direto <input type="checkbox"/>	Outro	_____
Fora da Área?	Pênalti <input type="checkbox"/>	Falta <input type="checkbox"/>	Pênalti Direto <input type="checkbox"/>	Outro	_____
Qualquer desrespeito é o que?					
Dentro da área?	Pênalti <input type="checkbox"/>	Falta <input type="checkbox"/>	Pênalti Direto <input type="checkbox"/>	Outro	_____
Fora da Área?	Pênalti <input type="checkbox"/>	Falta <input type="checkbox"/>	Pênalti Direto <input type="checkbox"/>	Outro	_____

	Equipe	Placar	Jogo	Anotações Adicionais			
Equipe A							
Equipe B							
	Jogo		Conduta Desportiva	Respeito	Cooperação	Solidariedade	Total
Equipe A	Vitória	3	Em todos os momentos	15	15	15	Equipe A
	Empate	2	Na maioria das vezes	10	10	10	
	Participação	1	Em alguns momentos	5	5	5	
Equipe B	Vitória	3	Em todos os momentos	15	15	15	Equipe B
	Empate	2	Na maioria das vezes	10	10	10	
	Participação	1	Em alguns momentos	5	5	5	

Fonte: Acervo da ACM (2019).

ANEXO I – FOTOS DO PROJETO DE FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM

Foto 1 – Primeiro Tempo – Futebol 3 Tempos - ACM Morro Santana - Porto Alegre, 2014.



Fonte: Acervo da ACM (2019).

Foto 2 – Segundo Tempo - 1ª Mostra de Futebol de Rua de Porto Alegre, 2010.



Fonte: Acervo da ACM (2019).

Foto 3 – Terceiro Tempo - Festival Latino Americano de Futebol de Rua - Montevidéu, 2012.



Fonte: Acervo da ACM (2019).

Foto 4 - Matéria sobre a ACM-RS no Streetfootballworld Festival – França 2016.



Projeto social da ACM mobilizará equipe em competições e atividades culturais

OPORTUNIDADE

Esporte leva jovens para festival na França

Jovens de comunidades atendidas pela Associação Cristã de Moços (ACM-RS) embarcaram ontem, no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, para desbravar o território francês através do futebol. Eles representarão o Brasil no Streetfootballworld Festival, uma das atrações da UEFA Euro, campeonato europeu de futebol, que acontecerá até dia 10/7. O festival será realizado em Lyon, de 28/6 a 7/7.

Os gaúchos Wéferson de Freitas Pocaia, de 15 anos de idade; Emerson Goulart, 16; Alice Cernicchiaro, 16; e Kaliandra Wegener, que já está na França, disputarão o torneio "Futebol 3 Tempos", esporte voltado ao desenvolvimento humano e social de crianças e jovens de várias comunidades, que pode ser praticado de forma mista, com meninos e meninas jogando juntos.

Ao todo, este festival contará com mais de 700 participantes, sendo 320 jogadores, entre 15 e 17 anos; 80 líderes de delegação; 80 jovens líderes; além de instituições sociais que representarão mais de 50 países.

Os jovens foram selecionados por se destacarem na prática do esporte. "Atendemos mais de mil jovens. É difícil levar somente três. Eles acabam se esforçando mais, porque sabem que têm uma possibilidade por meio do esporte educacional", explicou o líder da delegação, Marcel Bica de Souza, que acompanha o grupo nesta viagem internacional. Além da competição, eles também irão participar de diversas atividades culturais, para interagirem com outros estudantes. "Estou louco para chegar logo", revelou Wéferson, ao partir em sua primeira viagem de avião.

Fonte: Acervo da ACM (2019).

ANEXO J – MANUAIS DOS MEDIADORES DO FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM

Figura 5 - Material para capacitação de mediadores.

PARTE II
CAPACITAÇÃO

Capacitação dos mediadores

Os mediadores são fundamentais para o sucesso do futebol3.

A função deles inclui:


```

graph TD
    1[1. Preparar e facilitar as partidas de futebol3 com os participantes.] --> 2[2. Facilitar as discussões pré e pós-jogo.]
    2 --> 3[3. Monitorar a partida de futebol3 e mediar problemas que possam ocorrer entre os jogadores.]
    3 --> 4[4. Completar o formulário de jogo e avaliar a sessão.]
    4 --> 5[5. Ser um exemplo positivo para os jogadores e para a comunidade.]

```

Os mediadores podem ser jovens líderes, treinadores ou professores, e devem ser de ambos os gêneros para refletir o equilíbrio de gênero dos times.

É importante treinar o mediador para ajudá-lo a entender e a explicar o futebol3 para os jogadores, para que ele possa cumprir suas tarefas com sucesso. Consulte o plano de sessão introdutória abaixo para começar esse processo. O treinamento deve ser contínuo e é valioso tanto para os mediadores quanto para o programa de futebol3. Desenvolva um programa de treinamento de longo prazo para melhorar as competências de seus mediadores. Você pode inclusive dar a oportunidade para que jogadores experientes de futebol3 possam atuar como mediadores, o que lhes dará uma noção da função e os inspirará a preenchê-la.



Consulte o [site do futebol3](#) para materiais adicionais que vão ajudá-lo a desenvolver o programa de treinamento para os seus mediadores.

33

Fonte: Acervo da ACM (2019).

CAPACITAÇÃO

PARTE II

Um/a mediador/a:

Empático

é sensível às emoções, identidades e valores dos outros, incluindo as diferenças de gênero, origem étnica, religião, cultura, etc.

Neutro

permanece imparcial ou objetivo, sem impor sua própria opinião ou tomar partido

Um ouvinte ativo

demonstra interesse genuíno no que os outros estão dizendo e faz com que os jogadores sintam que estão sendo ouvidos.

Paciente

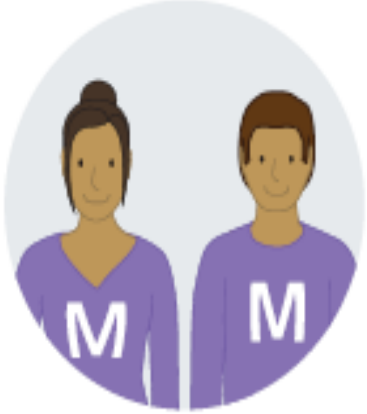
aceita atrasos, problemas ou opiniões conflitantes sem se irritar, ficar ansioso ou fazer julgamentos

Um solucionador de problemas

contribui com boas ideias para ajudar os outros a encontrarem uma solução que seja tanto efetiva quanto mutuamente aceitável

Observador

monitorea ações de perto, percebe momentos importantes e o comportamento dos indivíduos



Digno de confiança

mantém a confidencialidade e deixa os outros se sentirem confortáveis para confiarem nele (a)

Entusiasta

tem energia e engaja outros de personalidade tímida para criar uma atmosfera divertida para os jogadores

Um comunicador claro

fala em alto e bom som para que todos possam entender

Organizado

garante que tudo esteja bem preparado no horário

Sensível à questão da igualdade de gênero

garante que ambos os gêneros sejam igualmente envolvidos no processo

PASSO
5


! Se o mediador for uma pessoa de personalidade dominante, os participantes podem não se sentir confortáveis para falar na sua presença. Tenha cuidado ao selecionar mediadores, tendo a certeza de que eles possuem vontade e habilidade para encorajar os jogadores e para fomentar o comportamento positivo ao invés de reprimir o comportamento negativo.

ANEXO K – MODELOS DE PLANOS DE AULA DO FUTEBOL 3 TEMPOS DA ACM

Figura 6 - Modelo de Plano de Aula


PLANO DE SESSÃO

Página 2



Aquecimento:


Forneça a descrição de uma introdução e uma atividade de aquecimento apropriadas para a sessão.



minutos

Primeiro tempo:


Forneça a descrição da atividade abordando os tópicos sociais da sessão, incluindo o papel dos participantes e do mediador (idealmente com efeitos visuais), e prepare o formulário de jogo para o 2o tempo. Inclua questões chave e outras sugestões para o mediador.



minutos

Segundo tempo:


Jogue uma partida de futebol3 incluindo momentos de aprendizado potencial durante o jogo relacionados à atividade do 1o tempo e aos tópicos sociais abordados na sessão.



minutos

Relaxamento:


Um rápido intervalo para alongar, beber algo ou relaxar.



minutos

Terceiro tempo:

Este é o momento de reflexão e de avaliação. Forneça exemplos de perguntas que possam ser elaboradas pelos participantes para que as instruções teóricas da sessão possam ser traduzidas para a prática e para o dia a dia. Certifique-se que os resultados foram compreendidos e que o formulário de jogo tenha sido preenchido. Inclua questões chave e outras sugestões para o mediador.



minutos

Processo de avaliação da sessão:

Explique os passos sugeridos para avaliação pós sessão. Por exemplo, o preenchimento do formulário de avaliação da sessão, o envolvimento de um avaliador externo, etc.

Fonte: Acervo da ACM (2019).

Figura 7 - Modelo de Plano de Aula

PLANO DE SESSÃO

Página 2



Aquecimento:

Comece as apresentando e apresentando o objetivo da sessão.
 Conduza um jogo de nomes para que todos possam apresentar um ao outro e acordar as regras do dia e o que eles desejam atingir juntos, assim como seria no primeiro tempo do jogo de futebol3.
 Registre os resultados num quadro para todo mundo ver.
 Em seguida, é o momento de jogar futebol! Forme dois times mistos e organize um rápido jogo de futebol pareado, onde as duplas formadas, idealmente com misturas de gêneros, devem segurar as mías durante o período da partida. Após cinco minutos, pare a partida e reúna os jogadores para que eles possam descansar, alongar e refletir brevemente sobre sua experiência jogando o futebol pareado, enfatizando o trabalho em equipe, a comunicação e a interação.



Primeiro tempo:

Desenvolva um forte entendimento sobre o futebol3 seguindo os passos abaixo:
 Introduza o futebol3 para os participantes utilizando efeitos visuais.
 Explique o conceito dos "três tempos", as regras básicas, as regras abertas e o sistema de pontos. Se possível, use uma versão grande do formulário de jogo para isso.
 Forme duas equipes mistas e inicie a discussão pré-jogo utilizando o formulário de jogo. Se há muitos jogadores participando, você pode criar quatro times e fazer dois jogos em paralelo.



Segundo tempo:

Inicie a partida e permita que os times tenham um melhor entendimento do que é o futebol3. Espere um instante quando um jogador ou equipe não entender as regras e junte os dois times para esclarecer a situação.
 Encoraje todos os jogadores a participarem da partida e a utilizarem o formulário de jogo para registrarem os gols e outros momentos importantes.
 Depois de 15 minutos, conclua a partida e instrua os jogadores a relaxarem.



Relaxamento:

Faça um breve intervalo para que os jogadores possam descansar, beber algo e alongar.



Terceiro tempo:

Reúna as equipes para a discussão pós-jogo e anuncie o número de gols marcados.
 Estimule os times a refletirem sobre o seu comportamento, o de sua equipe e de seus adversários.
 Encoraje cada time a fornecer suas reflexões sobre a partida fazendo perguntas como:
 » O jogo de futebol3 foi diferente dos jogados no passado por você?
 » Foi prazeroso? Teve algo que você não gostaria de vivenciar novamente?
 » Seu time seguiu as regras acordadas antes da partida?
 » Seus adversários seguiram as regras acordadas antes da partida?
 Identifique momentos na partida em que os times esqueceram ou interpretaram mal as regras de futebol3.
 Após a reflexão dos times, peça que eles atribuam pontos de fair play uns aos outros e adicione esses pontos aos pontos da partida para determinar o vencedor.
 Conclua a sessão completando o formulário de jogo e oferecendo aos jogadores a oportunidade de fazerem perguntas. Parabenize a todos por jogarem seu primeiro jogo de futebol3 e deseje a melhor sorte para eles no próximo jogo!



Processo de avaliação da sessão:

Após a sessão, preencha o formulário de avaliação da sessão, que pode ser encontrado no site do futebol3. Com o tempo, conduza discussões de grupos focais com participantes selecionados para mensurar o impacto da sessão e determinar o que pode ser melhorado.

Fonte: Acervo da ACM (2019).